BREVE NOTICIA

SOBRE O

DESCOBRIMENTO DA AMERICA

POR

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA



LISBOA
Typographia da Academia Real das Sciencias
1892

BREVE NOTICIA

SOBRE O

DESCOBRIMENTO DA AMERICA

POR

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA



LISBOA
Typographia da Academia Real das Sciencias
1892



BREVE NOTICIA SOBRE O DESCOBRIMENTO DA AMERICA[1]

I

A AMERICA ANTECOLOMBIANA

Entre os egypcios, gregos e romanos, hebreus e arabes já havia a tradição de que, além da Europa e da Africa, no extremo do Oceano Atlantico existia um grande continente.

Platão fallou da Atlantica, immensa ilha para lá das columnas de Hercules e do Oceano, e cujos limites eram desconhecidos.

---

[1] Os tres capitulos que constituem este opusculo foram escriptos ha sete annos para serem encorporados nos estudos preliminares do IV volume da *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. Quando os offerecemos na commissão portugueza, de que fazemos parte, foi na tenção de os rever cuidadosamente, e augmental-os para lhe dar feição de memoria. A grave enfermidade que nos reteve na cama mais de um mez, a longa convalescença de que carecemos, e o pouco tempo que resta para a celebração do centenario de Christovam Colombo em Madrid, nos levou ao seguinte dilemma—ou não os publicar, faltando ao compromisso,—ou envial-os para a imprensa sem alteração?

Optámos pelo segundo expediente, e talvez não fosse o melhor.

O assumpto é vastissimo para se accommodar em dimensões tão acanhadas. O modesto escripto não tem pretenções: é apenas um esboço, que se deve considerar no certamen unicamente pelo desejo de nos associarmos ás homenagens que a Hespanha vae prestar ao grande navegador.

O confissão sincera dá direito ás indulgencias do leitor.

Plutarco tambem dá alguns indicios da existencia do vasto continente, e pelas inscripções punicas que se teem encontrado, parece que os carthaginezes alli aportaram.

As ultimas investigações feitas nos terrenos da America levam a acreditar que a antiguidade do seu continente é maior que a do europeu. Nas excavações tem-se encontrado grande quantidade de ossos humanos, e de outros animaes no estado fossil e perfeitamente conservados. Quando os europeus lá desembarcaram nos fins do seculo XV as suas aldeias eram populosas e tinham uma certa civilisação que tem caminhado n'uma decadencia progressiva. A archeologia decifrando os seus hieroglyficos e estudando os grandiosos monumentos, principalmente as ruinas dos seus templos, cada vez se compenetra mais d'esta verdade.

A historia da America antes da viagem de Colombo está-se escrevendo; e as repetidas investigações scientificas vão successivamente dando esperanças de satisfatorios resultados.

O fim d'este opusculo não permitte largas considerações sobre tão interessantes assumptos e obriga-nos a indicações muito resumidas.

Antonio Ribeiro dos Santos diz que no breve de Gregorio IV, dos ultimos annos do seculo IX, dirigido a Santo Anscario, arcebispo de Hamburgo, se nomeia a Gronlandon—Groenlandia (Terra Verde), e que os antigos scandinavos fizeram em 874 uma expedição á Islandia, e d'esta ilha facilmente passaram á Groenlandia e á America Septentrional, onde estabeleceram colonias na Florida e Canadá.

O mesmo erudito escriptor accrescenta que com este descobrimento devia ter logar o de alguma das Antilias ou Antilhas, pertencentes ao Novo Continente, e cita como documento o mappa ou planisferio de André Biancho, datado de 1436, visto por Villoison, membro da Academia real das inscripções e bellas lettras, que assim o descreve: «O manuscripto italiano, n.º 76, da bibliotheca de S. Marcos de Veneza, contém uma carta maritima, desenhada com muita exactidão, composta de dez folhas. N'esta carta achava-se uma das Antilhas, demarcada pela mesma mão, e vê-se escripto com o mesmo caracter de lettra—*Isola Antillia*—, o que é tanto mais notavel quanto vemos que o descobrimento das Antilhas se attribue a Christovam Colombo em 1492. Espantado d'esta singularidade, fiz copiar muito exactamente á minha vista esta preciosa carta, e a enviei em 1781 a Mr. o conde de Vergennes». A carta foi publicada em 1782 na *Gazeta de Gotha*, a pag. 39. [1]

---

[1] Publicado em 1817 no tom. V, part. I das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tendo por titulo: *Do conhecimento que era possivel ter da existencia da America pela tradição dos antigos, etc.* No capitulo 2.º trata especialmente—*Da verosimilhança*

Alexandre de Humboldt observou uma carta de marcar, existente na bibliotheca do grão-duque de Weimar, feita em 1424 por Ancontiniano, nome que muito custou a ler, representando 87 leguas maritimas ao occidente dos Açores, á parte septentrional da ilha *Antilia,* e para o seu norte mais duas ilhas.[1] O mesmo sabio analysou tambem na bibliotheca de Parma o mappa-mundi do genovez Bechario, datado de julho de 1435, onde estão marcadas ao poente dos Açores as tres Ilhas indicadas por Ancontiniano, chamando-se á maior e mais meridional Antilia, e descreve outras mais pequenas, e por baixo tem—*Insullæ de nouo Reperte*—(Ilhas ultimamente descobertas).

Paulo dal Pozzo Toscanelli devia ter conhecido estas cartas, e, talvez, de alguma d'ellas se servisse para as informações que forneceu ao conego Fernando Martins, em carta de 25 de junho de 1474, e na outra que *ipsis verbis,* dirigiu pouco depois em resposta a Christovam Colombo. Ahi vem o erro geographico das costas da Asia confinarem com as costas occidentaes da Africa, erro de que o genovez nunca se emancipou.

No globo de Martim de Bohemia, datado de 1492, está marcada a ilha Antilha.

Humboldt tambem attribuiu a descoberta das primeiras terras da America aos scandinavos, que a occuparam no seculo x e parte do xi. Esta opinião já havia sido escripta por Torfason na sua obra publicada em 1707.[2] Mas estes sabios não tiveram á sua disposição os documentos comprovativos para authenticarem a sua opinião. Estava reservado á Sociedade dos antiquarios do norte reivindicar a gloria dos seus antepassados, esclarecendo a historia pelas minuciosas investigações nos manuscriptos archivados nas bibliothecas do norte, e pelas importantes escavações nos terrenos que haviam occupado.

Esta sociedade publicou em 1837 a obra intitulada *Antiquitates Americanae sive scriptores sptentrionales rerum ante-columbianarum in America, studio et opera* C. C. Rafn,[3] secretario da mesma sociedade.

A publicação d'esta obra deu logar a varias communicações muito interessantes, que foram transcriptas em varios numeros das Memorias da Sociedade.

O minucioso trabalho de Rafn, foi traduzido em varias linguas, e fórma um volume in-4.º com 526 paginas, 8 fac-similes, representando laudas ou fragmentos de antigos manuscriptos das bibliothecas do norte, quatro mappas

---

de alguma navegação para as partes da America antes de Colon e Magalhães. (Escripto que documentou com a opinião de varios auctores antigos).

[1] *Cosmos,* tom. ii, pag. 173-214.

[2] *Antiguidades Islandicas.*

[3] Carlos Christiano Rafn, falleceu em 1865.

geographicos, e seis gravuras com muitas investigações archeologicas e geographicas intercaladas com excellentes observações criticas.

O livro demonstra que o descobrimento da America septentrional no seculo x pelos scandinavos foi um dos successos mais notaveis da historia do mundo. O auctor para vulgarisar os seus estudos publicou um resumo do seu trabalho, que intitulou—*Memoria sobre o descobrimento da America no seculo X*, e dividiu-a nos seguintes capitulos: [1]

Viagem de Biarne Heriulfson em 986.
Descobrimento de Leif Éricson e primeiro estabelecimento na Vinlandia.
Expedição de Thorwald Éricson a regiões mais meridionaes.
Desgraçada empreza de Thorstein Éricson.
Estabelecimento de Thorfinn na Vinlandia.
Viagens de Freydisa, Helge e Finnboge. Estabelecimento de Thorfinn na Islandia.
Observações criticas sobre as noticias anteriores. Geographia e hydrographia.
Clima e solo.
Producção. Historia natural.
Astronomia.
Descobrimento das regiões mais meridionaes.
Residencia de Are Marson na grande Islandia.
Viagens de Biörn Asbrandson de Gudleif Gudlangson.
Viagem do bispo Erico á Vinlandia.
Descobrimentos nas regiões arcticas da America.
Terra Nova descoberta segunda vez pelos Islandezes.
Viagem a Markland em 1347.

E termina: «Depois de assim estudados os documentos authenticos, todos reconhecerão como um facto historico, que durante os seculos x e xi os antigos scandinavos descobriram e visitaram uma grande parte das costas orientaes da America do norte, e convencem que as relações entre os dois paizes subsistiram durante os seculos seguintes. O facto essencial é certo e incontestavel. Mas n'estes documentos, como em todos os manuscriptos antigos, encontram-se passagens obscuras que podem ser esclarecidas por novos exames e novas interpretações. Para conseguir este resultado é importante

[1] Traduzida em francez por M. X. Marmier e publicada nas *Memorias da Sociedade dos antiquarios do norte*, 1836-1839, pag. 27

que os documentos originaes sejam publicados na sua antiga lingua para cada um os poder consultar e apreciar por si a maneira como teem sido interpretados.»

Quanto aos vestigios descobertos nos estados de Massachusetts e Rhode-Island, attribuidos á estada e estabelecimento dos scandinavos n'estas partes, que era o fim das primeiras expedições americanas, limitamo-nos agora ás referencias contidas nas *Antiquitates Americanae*. Esta questão continuará a ser objecto de investigaçõs escrupulosas por parte da commissão da Sociedade real dos antiquarios do norte para a *Historia antecolombiana da America*. O resultado d'estas indagações e esclarecimentos sobre passagens obscuras dos antigos manuscriptos será publicado nas *Memorias* da mesma sociedade.[1]

Desde 1840 que nas excavações praticadas nos estados de Massachusetts e Rhode-Island se encontram vestigios de habitações, attribuidos á residencia e estabelecimento dos Scandinavos n'esses paizes. Os estudos e pesquizas da commissão da Sociedade real dos antiquarios do norte continuam e muito ha a esperar do seu saber e dedicação.

O museu de *Antiguidades Americanas* fundado, por concessão do rei da

---

[1] Nas referidas *Memorias*, publicaram-se nos annos de 1836 a 1844 os seguintes artigos sobre este assumpto:

—On the ancient Scandinavians Division of the times of the Day, with special reference to Rafn's *Antiquitates Americanae*, pag. 32-33, by Tinn Magnusen. Translated by John M'Caul, Esq., M. A. Oxford, pag. 165 do anno.

—Account of an Ancient Structure in Newport, Rhode Island the Vinland of the Scandinavians, communicated by Thomas H. Webb., M. D., in Letters to Professor Charles C. Rafn, pag. 361 id.

—Supplement to the *Antiquitates Americanae*, by Charles C. Rafn.—Translated by John M'Caul, Esq., M. A. Oxford, pag. 369 id.

—Ruins of an ancient Scandinavian church al kakortok in Greenland, pag. 100 de 1840-1844.

—Account of discovery of Antiquities made at Fall River Massachusetts, communicated by Thomas H. Webb. M. D., in Letters to Charles C. Rafn, Secretary, with Remarks by the latter, pag. 104 id.

—Brief Notices of a Runic Inscription found in North America, communicated by Henry R. Colcrat in Letters to Charles C. Rafn, Secretary with Remarks annexed by the latter, pag, 119 ibid.

—Astronomical evidences for the site of the chief settelment of the ancient Scandinavians in America. By Charles C. Rafn, pag. 128 ibid.

As *Memorias* de Charles C. Rafn foram traduzidas em diversas linguas; em portuguez pelo brazileiro Manuel Ferreira Lagos, que as publicou na *Revista trimensal do Instituto Historico Brazileiro*, etc., tomo II, pag. 210 a 236.

Dinamarca, em parte do palacio de Christiansbourg, possue já grande quantidade de objectos dos tempos antecolombianos, como fragmentos de pedras com inscripções islandezas, em runico antigo, e em caracteres latinos, contendo algumas a cruz, na maioria encontradas nos cemiterios que se teem descoberto na America septentrional, e junto varios pedaços de feretros de madeira, vasos de metal e de pedra, tecidos de lã grosseira, e até um vestido quasi completo. [1]

No começo do seculo xv a geographia estava na infancia. Os factos transmittidos pelos antigos historiadores, junto ás fabulas inventadas e ás conjecturas extravagantes e poeticas dos navegadores, como ainda se observa nas cartas d'esses tempos, tão cheias de illustrações, bem o provam.

Em Portugal o infante D. Henrique, conhecedor de que os mais habeis pilotos só navegavam pelo rumo das costas, em rotas conhecidas, coadjuvado por homens instruidos organisou a sua escola de Sagres e tratou logo de desenvolver o estudo da cosmographia e da astronomia. Ahi reuniu o que havia de melhor pela Europa de cartas geographicas, mappas, planispherios e livros de viagens, e consultou os mais notaveis mathematicos da sua epocha para as famosas emprezas nauticas e fazer perder os prejuizos e o panico de que quem passasse além do Cabo Bojador não mais tornaria.

D'esta escola sahiram intrepidos navegadores, que afrontaram os maiores perigos, sulcando o vasto Atlantico meridional e o mar indico.

Os nossos historiadores antigos, e entre elles Antonio Galvão [2] escriptor muito consciencioso e intelligente, mencionam que o infante D. Pedro, duque de Coimbra, trouxera de Veneza, quando recolheu ao reino em 1438 da sua perigrinação, o livro de viagens de Marco Polo e bem assim uma carta maritima notavel, que offereceu a seu irmão D. Henrique. Além d'este auctor, Antonio Ribeiro do Santos, na sua eruditissima *Memoria sobre dois antigos mappas geographicos do infante D. Pedro, e do cartorio de Alcobaça* [3], descreve o do mos-

---

[1] *Annaes de archeologia do norte*, 1842-1843, pag. 330.

[2] Filho do chronista Duarte Galvão e neto de Rui Galvão, secretario de D. Affonso V. Antonio Galvão nasceu na India nos primeiros annos do seculo xvi, foi capitão das Molucas e governador do Ternate, onde praticou actos do maior heroismo e amor patrio, chamado por autonomasia o *Apostolo das Molucas*, deixou escripto um tratado — *Dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veyo da India ás nossas partes, e assim de todos os descobrimentos antigos e modernos que são feitos em a era de* 1550. O abbade Barboza Machado chama-lhe insigne capitão e zeloso apostolo das Molucas. Este benemerito teve por fim a recompensa que outros muitos alcançaram do seu paiz — falleceu pobrissimo no hospital de Lisboa a 11 de março de 1557!

[3] Publicada nas *Memorias de litteratura portugueza*, tom. viii, parte 2.ª pag. 275.

teiro feito no mesmo seculo, e em ambos não só vinha desenhado o celebre Cabo Tormentoso, com o nome de *Cabo de Satanaz,* como estavam assignaladas algumas terras do *Novo Mundo.*

O papa Martinho V, para coadjuvar os emprehendimentos do infante D. Henrique, n'uma bulla fez doação perpetua a Portugal das terras, mares, ilhas e minas que descobrisse além do Cabo Bojador até ás Indias, com indulgencias plenarias aos que morressem n'essas emprezas; e os seus successores no pontificado, por outras bullas, ainda lhe augmentaram as concessões, com excepção das ilhas Canarias, que Sixto IV doou aos reis catholicos. Calixto III tambem concedeu ao mesmo infante, como grão-mestre da ordem de Christo, o provimento de todos os beneficios ecclesiasticos nas terras que fossem descobertas.[1]

O descobrimento das ilhas dos Açores teve logar na quarta decada do seculo xv, e este facto foi, por certo, um passo gigantesco no caminho para o outro continente. Os primeiros habitantes d'estas ilhas por vezes viram alli fragmentos de arvores, mesmo grossos madeiros, sendo alguns com certo trabalho, cadaveres, que vinham boiando de oeste, de individuos com feições differentes das dos Europeus, tudo trazido pelo vento d'aquellas paragens, o que lhes annunciava haver para esse lado terras habitadas.[2]

O infante D. Henrique falleceu em Sagres a 13 de novembro de 1460, havendo nascido na cidade do Porto a 4 de março de 1394. Adoptou como empreza uns pequenos ramos de carvalho com fructos e a legenda — *Talent de bien faire.* A sua morte não diminuiu o enthusiasmo para novos descobrimentos; e commetteram-se feitos tão arrojados e coroados de tão bons resultados, que constituem hoje a nossa brilhante epopéa maritima.

D. Affonso V em 3 de dezembro de 1460 fez doação ao infante D. Fernando, duque de Vizeu, seu sobrinho,[3] das ilhas—da Madeira, Porto Santo, Dezerta, S. Luiz, S. Diniz, S. Jorge, S. Thomaz, Santa Iria, Graciosa, S. Miguel, Santa Maria, S. Jacob, Filippe, de las Maias, S. Christovam e Lana, e de Jesus Christo, com todas as rendas, direitos e jurisdicções—«que a nós ora em ellas pertence e de direito devemos de haver, assim como as de nos havia o infante D. Henrique meu tio que Deus haja...»[4] O infante D. Fernando fez concessão do senhorio das ilhas do Fayal e Pico a Jooz Dutra ou Job de Huerter,

---

[1] Freire, *Vida do infante D. Henrique,*—Arch. Nac. da Torre do Tombo, gav. 7, maço 13, n.° 7.

[2] Vid. *Memorias da Academia Real das Sciencias,* tom. v, da 1.ª serie, p. 101.

[3] Nasceu a 17 de novembro de 1433 e falleceu em Setubal a 18 de setembro de 1470, foi o pae de El-rei D. Manoel.

[4] Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv. dos Mysticos,* fl. 58 v.

que as povoou. A carta regia de 31 de maio de 1509[1] diz: ter já a concessão das capitanias das ditas ilhas o mesmo Job de Huerter, sendo n'esta data confirmado o cargo com a jurisdicção, rendas e privilegios, que havia requerido, e gosavam os capitães da ilha da Madeira. Além d'este documento existe no Archivo da Torre do Tombo uma sentença[2] passada no juizo da corôa em 6 de setembro de 1571, onde se diz que Job de Huerter, a instancias do infante D. Fernando, duque de Vizeu, mestre da ordem de Christo, viera povoar as duas ilhas Fayal e Pico, pertencentes á mesma ordem, ficando as capitanias para elle e seus descendentes.

A mania de tentar descobrimentos para usofruir as capitanias com as suas rendas e privilegios de juro e herdade, levou varios aventureiros a requererem concessões de suppostas ilhas ou terras firmes, antes mesmo de emprehenderem as viagens, e alcançaram do monarcha despacho provavel. Assim:

A Ruy Gonçalves da Camara, pela carta regia passada em Almyde (Almeirim?) a 21 de junho de 1473, se fez doação de juro e herdade de qualquer ilha, que elle por si ou navio seu achasse, com todas as suas rendas, direitos e jurisdicções.[3]

A Fernão Telles, mordomo mór da princeza D. Joanna, n'outra carta passada em Extremoz a 22 de janeiro de 1474, foram concedidas as ilhas que descobrisse, por si ou por seu mandado, no mar Occeano com suas rendas, direitos, etc.[4]

Os pedidos de senhorio de ilhas ou continentes que lograssem descobrir em arriscadissimas viagens, feitas á custa da fazenda real, deram logar a bastantes desastres e perdas, e levaram D. Affonso V a consultar, por intermedio do seu capellão, o conego Fernando Martins, o celebre medico-cosmographo florentino Paulo de Pozzo Toscanelli, sobre as probabilidades de bom resultado em tão arriscadas tentativas maritimas. A resposta escripta em latim, com a data de 25 de junho de 1474, affirma a possibilidade de ir ao Oriente pelo Occidente, attenta a esphericidade do globo.[5]

....

D. João II, pela carta regia passada em Santarem a 30 de junho de 1484,

---

[1] Arch. da Torre do Tombo, *Liv.* 69 *de D. João III,* fl. 109.

[2] Ibid. *Gaveta* 15, maç. 16, n.° 5.

[3] Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv. das Ilhas,* fl. 1 v.

[4] Ibid. *Liv.* 7.° *de D. Affonso V,* fl. 93; *Liv.* 70 *de D. João III,* fl. 30, e *Liv. das Ilhas,* fl. 5 v.

[5] Existe uma copia da propria lettra de Colombo em um volume da *Bibliotheca Colombina de Sevilha.* Esta carta foi ultimamente reproduzida em facsimile por Henry Harirsse na sua obra—*D. Fernando Colon historiador de su padre.* Sevilha 1871.

fez doação, a Fernando Domingues do Arco, do senhorio, com todas as mais regalias, de qualquer ilha que descobrisse.[1]

A Fernando de Ulmo ou Dulmos, capitão na Ilha Terceira, foi confirmado pelo mesmo monarcha, em carta regia datada de Lisboa a 24 de julho de 1486, o contracto sobre a Ilha das *Sete cidades* (Antilia), feito com João Affonso do Estreito, morador no logar do Funchal da Ilha da Madeira.[2]

A este mesmo João Affonso do Estreito foram concedidas as rendas e direitos das ilhas ou terra firme que descobrisse.[3]

Houve outro João Affonso, piloto intelligente e ousado, que por despeito de faltas de recompensa aos seus muitos serviços, foi para França, onde andou em navio de corso, e por ter a sua residencia em Saintongeois, logar nas immediações de Cognac, assim o appelidaram de *Saintongeois*. Por esta circumstancia alguns escriptores francezes o deram como seu conterraneo. Deixou uma Hydrographia manuscripta da qual se publicou um extracto em 1559, sendo o auctor já fallecido, com o titulo — *Voyages aventureux du capitaine Jean Alphonse Saintongeois.* Este piloto, andou na armada do celebre corsario João Ango, que tantos prejuizos causou a Portugal roubando os navios que vinham carregados de mercadorias da India e do Brazil.[4]

Não foi só este portuguez que, engodado pelo vil interesse ou ferido pelos desgostos, abandonou a patria para ir servir estranhos. Na Hespanha e na França eram acolhidos e bem estipendiados os homens praticos nos mares da Guiné e das Indias orientaes. Assim se tornaram bem notaveis, entre outros, os pilotos Estevão Dias, o *Brigas*, Rosado de Villa do Conde, João Fernandes e Fernando de Magalhães.

João Dias, piloto portuguez, em 1495 foi prezo em Hespanha e entregue a Portugal por ter sido cumplice com os francezes no roubo de 20:000 dobras, feito a uma caravella portugueza que vinha da Mina.[5]

A João Fernandes, morador na Ilha Terceira foi concedida em 1499 a capitania de qualquer ilha povoada ou por povoar que descobrisse.[6] Parece ter

---

[1] Arch. Nac. da Torre do Tombo, *liv.* 22 *de D. João II*, fl. 34, e *Liv. das Ilhas*, fl. 19 v.

[2] Ibid. *Liv.* 4 *de D. João II*, fl. 101 v. e *Liv. das Ilhas*, fl. 113 v.

[3] Ibid. *Liv.* 19 *de D. João II*, fl. 87, e *Liv. das Ilhas*. fl. 23 v.

[4] No archivo da Torre do Tombo (*Corp. chron.* parte 1.ª maço 57, doc. 94) acha-se um documento em que Francisco I de França por uma carta patente de 27 de agosto de 1536, mandou restituir a Portugal as tomadias que os piratas da sua nação haviam feito em navios portuguezes.

[5] Arch. real de Simancas, Navarrete, doc. n.º 32 do tom. III, pag. 515.

[6] Ibid. *Liv.* 16 *de D. Manoel*, fl. 39 v.

sido este o piloto que, não conseguindo em Portugal os meios para a expedição, se associara a dois portuguezes dos Açores, Francisco Fernandes e João Gonçalves, escudeiros, e a tres negociantes de Bristol, Richard Warde, Thomaz Assehelmret e John Thomaz, a quem Henrique VII de Inglaterra passou, a 19 de março de 1501, uma carta[1] patente para descobrirem terras e governal-as em seu nome.

Emquanto a Fernando de Magalhães pela importancia da sua empreza maritima e consequencias que se seguiram merece menção especial, embora a epocha do facto vá além d'aquella que nos propomos esboçar.

....

Pelo aviso de Alvaro da Costa, embaixador em Castella, soube-se logo em Lisboa das propostas de Fernão de Magalhães e do astrologo e mathematico Ruy Falleiro[2] a Carlos V, e considerou-se caso grave. No conselho de estado reunido em Cintra o bispo de Lamego insistiu em que se chamassem ao reino os dois portuguezes desleaes, e se lhes fizessem mercês que os contentassem; mas el-rei D. Manoel, o duque de Bragança D. Jayme, e o conde de Tarouca, sem medirem o alcance de tal tentativa, foram de opinião inteiramente contraria.

Alvaro da Costa, não podendo prolongar os estorvos á viagem perante o concelho de Castella, procurou attrahir Magalhães com grandes promessas, tendo com elle longas praticas em Saragoça, e provavelmente o levou a escrever a carta a el-rei D. Manoel, que Damião de Goes diz ter visto,[3] propondo voltar ao serviço de Portugal.

D. Manoel teimou na recusa, resultando para o reino gastos consideraveis, desavenças entre as duas monarchias, e para Magalhães a gloria dos descobrimentos do Estreito, das Ilhas Philipinas e dos Ladrões, depois chamadas Mariannas.

Ás cartas que lhe escreveu Francisco Serrão, feitor em Banda, homem muîto conhecedor d'aquellas ilhas, assim como das de Ternate, Maluco e Malaca por onde navegou muitos annos, se attribue o emprehendimento de Magalhães, como verificou Antonio de Brito em Maluco na correspondencia encontrada por morte do dito Serrão.

Gaspar Correia foi contemporaneo de Fernão de Magalhães, com quem serviu na India durante o governo de Affonso d'Albuquerque, e por isso o temos como mais authentico e imparcial entre os escriptores que narraram os acontecimentos, e d'elle tresladamos o seguinte:

---

[1] Este documento foi transcripto na integra, com a competente traducção em portuguez, na excellente — *Memoria Historica dos Corte-Reaes,* pelo sr. Ernesto do Canto, pag. 74 e seguintes.

[2] Falleceu doido no hospital de Sevilha.

[3] *Chronica d'el-rei D. Manuel,* part. 4.ª cap. XXXVII.

«Fernando de Magalhães era da criação de El-Rey e veo á India com o Viso rei dom Francisco, e foy no feito de rumes, e sempre nas armadas, e em Calecut, muyto ferido, e perdeo n'estas naos sua pobreza, e proue se foy a Portugal, e andou em requerimentos de seus serviços, e pedia a El-Rey cem reaes[1] d'acrecentamento em sua moradia, o que lhe El-Rey nom quis fazer, do que se agrauou, e foy pera Castella viuer em Seuilha, onde se casou: e porque tinha muyto saber n'arte de nauegação, e espirito, que se lançou a ysso, se concertou com os regentes da casa da Contratação de Seuilha, com que lhe deu o Emperador huma armada de cinco nauios com que nauegou, descobrindo nouo caminho pera Maluco, o que foy no anno de quinhentos e dezanoue, como adiante em seu logar contarey; com que deu depois muyto trabalho a Portugal».[2]

No governo de Diogo Lopes de Sequeira, o capitulo XIV[3] tem por titulo: «Que reconta da armada que partio de Castella o anno de 1519, de que foy capitão mór Fernão de Magalhães, homem portuguez, que agrauado d'El-Rey de Portugal se foy viuer com o emperador Carlos; e conta todo o que passou na viagem, e os que chegarão a Maluco, e o fim que tod'armada ouve».

Diremos apenas em resumo: que a proposta de Magalhães aos regedores era que, se lhe dessem navios e gente, iria ás ilhas de Malaca e Maluco, que pela demarcação do tratado de Tordesillas estavam no quinhão de Hespanha, obrigando-se a fazer a navegação para lá sem tocar em nenhum mar nem terra de el-rei de Portugal.

Carlos V deu a concessão nas condições propostas.[4] Concluidos os pre-

---

[1] Damião de Goes na *Chronica d'el-rei D. Manoel* diz: *duzentos reaes por mez*, que é meio *cruzado de ouro*.

[2] *Lendas da India*, tom. II. part. 1.ª pag. 28.

[3] Ibid. tom. II, part. 2.ª pag. 625.

[4] *Carta Regia dirigida pelo rei de Hespanha a Fernando de Magalhães e a Ruy Faleiro para seguirem na armada viagem para as Molucas.*

El Rey — Fernando de Magallañs e Ruy Falero, cavalleros de la ordem de Samtiago nuestros capitañs generales dellarmada que mandamos hacer para yr a descobrir, y a los otros capitañs particulares de la dicha armada, e pilotos, e maestres, e contramaestres, e marineros de las náos de la dicha armada: por quanto yo tengo por cierto segund la mucha informacion que he avido de personas que por esperiencias lo an visto, que en las islas de Maluco ay la especiaria, que principalmente ys a buscar com esa dicha armada, e my voluntad es que derechamente sigais el viage a la dichas islas por la forma e manera que lo he dicho e mandado a vós el dicho Fernando de Magallañs: por ende yo vos mando a todos e a cada uno de vos, que en la navegacion del dicho viage sigais el parecer e determinacion del dicho Fernando de Magallañs para que antes e primero que a otra parte al-

parativos da armada, escolheram-se capitães de confiança, que haviam de commandar as naus, e foram elles — João de Cartagena a *Santo Antonio*, Luiz de Mendoça la *Victoria*, João Serrano *Santiago* e Pero de Quesada la *Concepcion*[1]. A frota com gente paga por seis mezes, levando por capitão-mór Fernando de Magalhães na nau *Trinidad*, sahiu do Porto de São Lucas de Barrameda a 21 de setembro de 1519 e foi tomar agua ás ilhas Canarias. Ahi recebeu Magalhães carta do sogro, prevenindo-o contra alguns dos capitães, que por occasião do embarque haviam dito que se elle os anojasse o matariam. Magalhães respondeu-lhe nobremente, como homem que nada receia pelos seus actos, e que possuia o valor necessario para fazer manter a disciplina na armada que lhe haviam confiado.

Chegando ao Cabo de Santa Maria, que João de Lisboa descobriu em 1514, foram tomar agua e lenha no rio de S. João, e ahi se revoltaram os dois capitães João de Cartagena e Luiz de Mendoça. O plano era matarem o capitão-mór, tomarem o dinheiro e fazenda, que sonegariam, e voltando para Hespanha accusarem Magalhães de os levar vendidos e enganados.

O capitão-mór, que estava de prevenção, tomou logo medidas repressivas, mandando o meirinho Ambrosio Fernandes, acompanhado de seis homens escolhidos, os quaes com artimanhas lograram entrar no navio de Luiz de Mendoça, a quem subitamente deram a voz de preso, e pela sua resistencia o degolou o dito Ambresio. Magalhães veiu preste em soccorro dos seus, a bordo mandou enforcar nas vergas seis homens que se haviam tornado mais salien-

---

guna vais a las dichas islas de Moluco sin que en ello aya ninguna falta por que asy cumple o nuestro servicio e despues de fecho esto se podra buscar lo de mas que convenga, conforme a lo que llevais mandado, e los unos ny los outros non fagades ny fagan ende al por alguna manera so pena de perdimento de biens, e las personas e la nuestra merced. Fecha en Barcelona a diez e nueve dias del mez de abril año de mill e quinientos e diez e nueve años.

Yo el rey

Por mandado del Rey — Francisco de los Covos.

Pera que los de lamarda sigan el parecer y determinacion de Magallañs pera que antes y primero que a otra parte vaya a la especiaria.

(Documento original que existe no Real Archivo da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, part. 1.ª, maço 24, doc. n.º 64.— Já foi impresso nos *Annaes maritimos e coloniaes*, 4.ª serie, parte não official, pag. 22.)

[1] Navarrete, no tomo IV das *Viagens*, diz a pags. 19, 21 e 66 — que as tripulações se compunham de 265 homens, sendo 29 portuguezes, e os restantes hespanhoes, flamengos, allemães, bretões, napolitanos, normandos, francezes e de outras nações. Os pilotos das cinco embarcações eram portuguezes.

tes. e deu o commando do navio a seu cunhado Duarte Barboza, portuguez. A nau de Cartagena, solta do ferro, foi abalroar com a do capitão-mór, d'onde resultou ser preso o chefe da revolta, João de Cartagena, mandado esquartejar com pregão de traidor, e os seus cumplices encarcerados nas bombas. A nau foi entregue a Alvaro de Mesquita que havia sido contrario ao alevantamento.

Supplantada a conspiração e concertados os navios, seguiu avante, deixando desterrados nas margens do rio alguns dos revoltosos e navegou ao longo da costa até ao rio, a que poz o nome de Victoria, d'onde lhe desertou a nau de Alvaro de Mesquita.

Magalhães com os tres navios restantes caminhou pelo rio mais de cem leguas até sahir ao mar largo, onde, com o levante á popa, andou mais de cinco mezes, indo ter a umas ilhas, sendo uma d'ellas povoada de selvagens com quem ligou trato de amizade, ajudando-os a desbaratar um rei vizinho que os guerreava e fazendo troca de objectos insignificantes por oiro. Passados alguns dias, o rei vencido fez particularmente propostas ao rei vencedor, e combinaram que este ultimo convidasse os chefes christãos a um grande banquete onde seriam todos mortos. Fernando de Magalhães com trinta dos principaes tripulantes cahiu na cilada e ahi foram todos traçoeiramente trucidados. Os que ficaram nas naus, sabedores do morticinio, e sem poderem soccorrer nem vingar as victimas deitaram fogo a um dos navios, que fazia muita agua, e navegaram para o largo. Um tal Carvalhinho, piloto da capitania foi arvorado por commandante das duas naus, resto das cinco de que se compunha a expedição, e foram parar a Borneo d'onde passaram a Moluco e a Ternate. Ahi João de la Rosa substituiu no mando o Carvalhinho, e depois de muitas contrariedades conseguiu chegar com uma das naus a Hespanha, em 1521, com treze homens de trîpulação[1].

Os contractos dos reis de Castella com Fernando de Magalhães e o bacharel Ruy Faleiro, são datados de março de 1518, e existe d'elles copia authentica d'aquella epocha no archivo da Torre do Tombo.[2]

. . . .

Depois do descobrimento da America por Christovam Colombo e a instancias suas pediu a Hespanha ao papa outra demarcação de limites que lhe garantisse as novas possessões, e Alexandre VI, pela bulla de 4 de maio de 1493, determinou para direito de descoberta—uma linha imaginaria que partia das

---

[1] Na companhia de Magalhães foi como piloto João Rodrigues de Carvalho, que provavelmente é aqui designado por Carvalhinho. Gaspar Correia diz ser portuguez João de la Rosa.

[2] *Gaveta* 18, maç. 8.º doc. n.º 39, e maç. 10, doc. n.º 4. Foram impressos nos *Annaes maritimos e coloniaes*, 4.ª serie, parte não official, pag. 23 a 35.

ilhas dos Açores e Cabo Verde, dividindo o globo de norte a sul em partes eguaes, ficando pertencendo a de leste a Portugal e de oeste á Hespanha... «Omnes insulas et terras firmes inventas et inveniendas, detectas et detegendas versus occidentem et merediem, fabricando et constituendo unam lineam a polo arctico ad polum antarcticum, quae linea distet a qualibet insularum quae vulgariter nuncupantur de los Azores et Cabo Verde centum leucis versus occidentem et meridiem»...

O papa era o juiz supremo dos estados christãos e raras vezes deixava de se acatar a sua auctoridade, comtudo D. João II protestou contra a partilha, não se conformando com a direcção da nova linha divisoria, e esta opposição deu origem ao celebre tratado de Tordezilhas, assignado em 7 de junho de de 1494, onde ficou assente entre as duas corôas que a linha divisoria passaria a trezentas legoas ao poente do archipelago de Cabo Verde, e por isso ficou pertencendo a Portugal a parte comprehendida na futura descoberta do Brazil.

As outras nações europeias não protestaram contra a partilha de Alexandre VI, como fez D. João II: reservaram o direito de acção contra o favor que o chefe da egreja havia feito ás duas corôas.

O rei de Inglaterra, como dissemos, n'uma carta patente concedeu a negociantes seus subditos, associados a portuguezes, auctorização para descobrirem terras e *governal-as em seu nome.*

A França, não só estabeleceu feitorias em alguns pontos das costas do Brazil, d'onde foram expulsas depois de sanguinolentas luctas, mas permittiu o corso, como meio mais facil e lucrativo, sahindo dos portos da Normandia, da Gasconha e da Bretanha grande numero de navios armados que causaram graves prejuizos á Hespanha e a Portugal, pelas prezas que fizeram nas embarcações e carregamentos de mercadorias, que vinham da India e da America.

Já el-rei D. Manuel em 14 de dezembro de 1508 passára regimento a João Serrão para ir, n'uma caravella bem artilhada, procurar pelos portos da Europa o corsario francez *Mondragon,* que roubára em Moçambique a nau de Job Queimado, que não havia podido acompanhar a armada de Tristão da Cunha. [1] Não tendo sido encontrado, a 18 de janeiro do anno seguinte partiu o heroico Duarte Pacheco Pereira em busca do mesmo corsario. [2]

No reinado de D. João III tomou a pirataria proporções assustadoras. Este

---

[1] Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Corpo chron.*, part. 1.ª, maç. 7, doc. 68. Publicada nos *Annaes maritimos e coloniaes,* 3.ª série, pag. 534.

[2] Quintella, *Annaes da marinha portug.*, tom. 1.º

monarcha com a maior *prudencia* sollicitou com instancia do rei de França que retirasse a carta de marca, que havia concedido em 27 de julho de 1530, a João Ango, rico armador dieppez, contra os navios portuguezes, até 220:000 ducados, a titulo de indemnisação e represalia por se lhe haver aprisionado um[1] navio nas aguas da barra de Lisboa, que conduzia mercadorias americanas, que se provou serem roubadas. A tripulação foi condemnada á morte pelos tribunaes como piratas.

Apezar de muitas amabilidades trocadas entre os dois soberanos, o de Portugal, vendo que o seu bom irmão Francisco I não cedia, teve de descer a offertas particulares e secretas, promettendo dez mil cruzados a Filippe Chabot, almirante de França (!) e 60:000 francos ao poderoso corsario.

....

D. João II preparou a descoberta da India que se levou a effeito no reinado do seu successor, e promoveu os estudos da nautica, que em Portugal, n'aquella epocha, attingiram o maior desenvolvimento. Este progresso maritimo e as emprezas aventureiras, attrahiram ao reino grande numero de extrangeiros, uns no intuito de aprenderem com os pilotos portuguezes nas arriscadas viagens, partilhando da sua gloria e proventos, outros illustrados que offereciam a sua sciencia, e entre estes foi notavel Martim Beheim ou Behaim, que os escriptores portuguezes chamam de Bohemia.

Martim de Bohemia nasceu entre os annos 1430 e 1436 na cidade de Nuremberg. Apezar de seguir a vida commercial, dedicou-se por vocação especial ao estudo da mathematica, da cosmographia, da astronomia e da nautica, tendo por mestres as maiores celebridades do seu tempo. Depois de fazer varias viagens entre Malines, Anvers e Vienna, veiu para Portugal, devendo a sua chegada ser anterior a agosto de 1481, quando D. João II, seguindo o plano traçado por seu tio na escola de Sagres, tratava de aperfeiçoar a arte de navegar, e Martim de Bohemia como discipulo de Camille Jean Muller de Monte Regio não podia deixar de ter o melhor acolhimento.[2]

Martim Behaim com os dois hebreus, mestre Joseph e mestre Rodrigues, ambos physicos notaveis, trabalharam na invenção das taboas da declinação do sol, d'onde resultou poder fazer-se a navegação directa pelo oceano em vez de seguir as costas, o que facilitou muito as viagens e as descobertas.

Em 1484 embarcou como cosmographo, para fazer experiencias no appli-

---

[1] Vid. a copia da correspondencia original, transmittida a D. Antonio de Athayde, embaixador em França, publicada pelo nosso amigo Fernando Palha, na *Carta de marca de João Ango*, Lisboa, 1882, 4.º, de 109 pag.

[2] João de Barros, *Decada* 1.ª, liv. 4.º, cap. 2.º

car o astrolabio á navegação, levando duas caravellas, capitaneadas por Diogo Cão, que seguiram ao longo do continente africano até ao rio Congo, onde foi collocado um padrão com as armas portuguezas, e em abril ou maio de 1486 estava de volta em Lisboa. Os novos processos e instrumentos maritimos deram optimos resultados nas experiencias.

N'este anno de 1486 casou com D. Joanna de Macedo, filha de Job Huerter, primeiro capitão donatario das ilhas do Fayal e Pico, e d'este matrimonio houve um filho.

Em 1492 foi visitar a sua terra natal, onde concluiu o celebre globo terrestre, servindo-lhe de grande auxilio os trabalhos de Ptolomeu, Plinio, Strabão, Marco Polo e as derrotas de alguns pilotos portuguezes na Africa até ao Cabo da Boa Esperança. No globo já se acham marcadas as duas ilhas—Antilia ou das Sete Cidades e a de S. Romão. Na cidade de Nuremberg ainda se conservavam, além d'este globo terrestre, diversos documentos e cartas originaes do sabio cosmographo.

Voltou a Lisboa em 1493 e seguiu logo com sua mulher para o Fayal, onde foi fixar a sua residencia. Parece ter sido portador da carta do dr. Jeronymo Monetario a D. João II,[1] datada de 14 de julho de 1493. N'este importante documento recommenda-se Martim de Behaim e indica-se até a competencia d'elle para emprehender o descobrimento do oriente pelo occidente, insistindo Monetario na pretendida proximidade das costas orientaes da China ás occidentaes da Europa, como estava marcado no globo de Behaim. Esta theoria, conhecida desde 1474 pela carta de Toscanelli e regeitada nas propostas de Colombo, foi renovada com empenho para D. João II a emprehender não só pelo sabio Münzer, mas tambem pelo imperador Maximiano.

Colombo e Martim de Bohemia eram apostolos da mesma idéa, mas o primeiro, mais insistente, conseguiu o auxilio dos reis de Hespanha e demandando as costas da Asia descobriu a America.

Em 1494 foi Behaim chamado a Lisboa por D. João II e encarregado de uma melindrosa missão ao imperador da Allemanha, qual era a de lhe pedir que pela sua grande influencia procurasse destruir as difficuldades, que havia em Portugal para a legitimação de seu filho natural, o principe D. Jorge, sendo a opposição principal a da rainha D. Leonor. N'esta jornada soffreu grandes transtornos, sendo duas vezes aprisionado pelos piratas, e quando conseguiu chegar ao seu destino a feição politica na côrte do rei justo havia mudado, e por isso recebeu ordem de sustar as diligencias de que ia encarregado e de regressar ao reino.

---

[1] Publicada no *Archivo dos Açores*, vol. I, pag. 444.

A 25 de outubro de 1495 falleceu D. João II, e Martim de Bohemia voltou para o Fayal, onde residiu até 1506, anno em que tornou com a sua familia para Lisboa, onde falleceu n'uma quinta-feira 29 de julho de 1507,[1] sendo sepultado na egreja do convento de S. Domingos. Existiram d'elle dois retratos, sendo um em corpo inteiro, que tinha por baixo inscripto: *Martinus Bohemus Norimberg. Eques, Serenissimorum Johannis II et Emmanuelis Lusitaniae Regum Thalastus et Mathematicus insignis. Obiit 1506 Lisabonae.*[2]

Os portuguezes cada vez mais afoitos com a passagem do Cabo Tormentoso, ajudados com os progressos nauticos e applicação da astronomia á navegação, não conheciam obstaculos para tentarem o descobrimento de novas terras atravez dos immensos mares.

D. João II, dando como divisa ao seu successor a *esphera,* parece que lhe prognosticou que no seu reinado colheria os melhores fructos dos grandes estudos e trabalhos do immortal infante D. Henrique, e dos que o secundaram nas suas gigantescas aspirações.

---

[1] Alguns dizem ter sido em 1506 e assim está na inscripção do retrato, mas damos a preferencia á inscripção mandada pôr por seu filho em 1519, n'uma lapida sepulchral á direita do altar mór no côro da egreja de Santa Catharina em Nuremberg.

[2] Na sua biographia, por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, no tom. VIII, part. II, das *Memorias de litteratura portugueza,* publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, de p. 365 a 401.





II

CHRISTOVAM COLOMBO E A AMERICA

Christovam Colombo nasceu em Genova no anno de 1437 filho primogenito de Dominico Colombo, cardador de lãs, e de sua mulher Susana Fontanarrossa. Em Pavia fez os seus estudos concernentes á navegação em que patenteou o seu grande talento, e sendo ainda muito joven andou em viagens pelo Mediterraneo como tripulante em navios mercantes e de guerra, escolhendo de preferencia expedições aventureiras.

Em 1470 attrahido pelos grandiosos emprehendimentos maritimos dos portuguezes veiu estabelecer-se em Lisboa, onde nos seculos XV e XVI não havia exclusivo de nacionalidade para novos descobrimentos: empregavam-se indistinctamente os homens praticos e de reconhecido merito, que offereciam garantia de melhor resultado.

Alguns sabios extrangeiros não só foram consultados para essas emprezas, mas até tomaram parte activa n'ellas, e entre outros citaremos João de Mallorca, Martim de Bohemia, João da Nova, Americo Vespucio e o proprio Christovam Colombo que fez varias viagens pelas costas de Portugal e Hespanha, alongando-se até á Guiné e á costa da Mina.

Pouco depois da sua chegada a Portugal esposou D. Filippa Moniz Perestrello, filha de Bartholomeu Perestrello,[1] donatario da ilha de Porto Santo, e de sua mulher D. Isabel Moniz, recebendo apenas por dote, segundo dizem alguns historiadores, os mappas, itinerarios e papeis de seu sogro, que havia feito

---

[1] Fallecido em 1458.

parte da casa do infante D. Henrique e acompanhara Gonçalo Zarco no descobrimento das ilhas da Madeira e Porto Santo, recebendo em remuneração de seus serviços, em novembro de 1446, a donataria d'esta ultima ilha.

O genovez em seguida ao seu casamento foi para Porto Santo d'onde passou para o Funchal e ahi viveu de coordenar cartas maritimas. O sr. dr. Rodrigues de Azevedo, n'um interessante artigo publicado no jornal d'aquella cidade, descreve conscienciosamente as tradições que ha ácerca da estada de Colombo na Madeira, e da casa em que ahi habitou, acompanhando a descripção uma bella photographia de Camacho.[1] A casa indicada pertenceu á familia Esmeraldo, que deu o seu nome á rua. Pela photographia reconhece-se bem que a casa, tambem conhecida com o nome de *Granel do Poço*, se compunha por ultimo de tres corpos distinctos, não só pelas divisorias mas pelo estylo architectonico, sendo os accrescentamentos posteriores feitos da esquerda para a direita. Esta ultima parte tinha uma janella em estylo manuelino, distincta pelo seu melhor trabalho artistico, bipartida por uma columna, tendo gravado no capitel, na face esquerda, em uma moldura IHS (Jesus), na do centro 1494 e na da direita MARIA. O edificio com os ditos tres corpos, em dois andares, tinha as portas em arco, as janellas de typos diversos, e não é facil acreditar que um homem que obtinha os meios de subsistencia de coordenar cartas nauticas, habitasse uma casa de tão vastas dimensões. Suppomos pelo melhor criterio que elle só occuparia o corpo da esquerda, o primitivo, ou o segundo, que apesar de posterior é provavel estar já construido em 1480, anno em que d'alli partiu o genovez. Emquanto á parte em que está a janella bipartida evidentemente edificada quatorze annos depois, como vimos pelo decalque[2] tirado do capitel, não podia ser habitado por Colombo, que n'essa epocha já havia feito a descoberta da America, e até partira para a sua segunda viagem ao Novo Continente.

Em uma partilha dividiu-se a casa entre duas das principaes familias da ilha (Carvalhal e Ornellas) que depois a venderam. A camara municipal para alargamento e aformoseamento da rua mandou demolir o predio, conservando-se apenas a janella em poder do sr. conselheiro Agostinho d'Ornellas. A demolição da casa foi um d'esses vandalismos que não tem classificação: independente da tradição historica, era um curioso especimen architectonico de

[1] O artigo appareceu depois na *Illustração hespanhola* de 15 de outubro de 1878, traduzido á lettra mas assignado por D. Ventura Callegon. Ahi se reproduz o erro do primeiro artigo do sr. dr. Azevedo, dizendo o anno de 1457. Motivou o engano o ter sido feita a leitura, quando a janella estava ainda no seu logar, por pessoa pouco competente.

[2] Este decalque foi já tirado depois da demolição.

uma casa nobre do seculo xv, e que o municipio por dignidade propria devia ter todo o interesse em conservar.

D. João II assignalou o começo do seu reinado por dois grandiosos actos: o dominio supremo da realeza, e os preparativos para o descobrimento do caminho maritimo para a India. Só estes dois factos de grande alcance politico n'aquella epocha attenuam a rudeza do seu caracter.

A arte de navegar continuava a fazer grandes progressos em Portugal, onde a febre dos descobrimentos se tinha tornado geral. Desde o rei até o seu mais infimo vassallo, todos concorriam para as emprezas maritimas, e tratava-se especialmente por esse tempo de procurar o caminho para a terra das especiarias e das pedras preciosas dobrando o celebre Cabo Tormentoso. Esta noticia fez voltar Colombo para Lisboa em 1480, onde se relacionou com os navegadores mais notaveis, nacionaes e extrangeiros, conheceu os novos systemas de navegação, e estreitou intima amizade com Martim de Bohemia, que já falava nas ilhas Antilia e S. Romão.

A paixão de Colombo pelas viagens aventureiras tocava a monomania, e conhecedor das boas disposições do monarcha, solicitou uma audiencia, onde propoz os seus famosos planos de ir ao oriente pelo occidente, conforme lhe havia indicado Toscanelli, pedindo auxilio de gente e barcos para os executar. O rei não o descoroçoou; mas os homens competentes do seu conselho, além de pouco credulos nas apregoadas maravilhas e riquezas promettidas pelo genovez, ponderaram os inconvenientes de tirar para novas terras mais gente do reino, já bastante despovoado por causa das possessões e guerras d'Africa.[1]

O conselho que votou contra as propostas de Colombo, além das razões acima allegadas, pelo seu pouco fundamento e serem excessivamente exigentes, pois pedia como recompensa, dado o feliz exito, o almirantado, o titulo de vice-rei e outras muitas coisas, compunha-se de homens que haviam ajudado as empresas maritimas do infante D. Henrique, e eram o bispo D. Diogo Ortiz e os mestres Rodrigo e Joseph, physicos do rei, reputados dos melhores cosmographos e geographos da sua epocha. O bispo D. Diogo era grande partidario de se tentar a descoberta do caminho maritimo para a India pelo Cabo da Boa Esperança, e o indicado pelo genovez tinha muitos oppositores. A jornada de Affonso Paiva e de Pero da Covilhan, em 1486, deu razão ao bispo.

Durante a sua permanencia na capital continuou com seu irmão Bartho-

---

[1] Sebastião Francisco Mendo Trigoso apresenta ainda outras razões, que motivaram tambem a rejeição das propostas. Vid. a sua *Memoria sobre Martim de Bohemia*, publicada nas *Memorias de Litteratura Portugueza* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, t. VIII, p. II, pag. 397.

lomeu, que lhe foi um poderoso auxiliar, na industria de pintar cartas maritimas, que tinham muita extracção. Este modo de vida não se combinava com o genio arrojado de Colombo, e com bastante prespicacia não perdia occasião de se instruir, colhendo informações dos navegadores e geographos.

Perdidas de todo as esperanças de serem acceitas as suas propostas em Portugal, resolveu dirigir-se á Hespanha, para onde partiu clandestinamente em 1484, ignorando-se o motivo que deu logar á fuga; posto que alguns a teem attribuido a ligações politicas na conspiração do duque de Vizeu, apunhalado por D. João II em Setubal a 23 de agosto do mesmo anno.

Não foi só em Portugal que se duvidou dos maravilhosos planos de Colombo: o mesmo lhe aconteceu com as propostas feitas a Genova, a Veneza, á França, á Inglaterra, e na Hespanha os duques de Medina Sidonia, D. Henrique de Gusman, de Medina Caeli, D. Luiz de la Cerda, e os reis catholicos só annos depois se resolveram a prestarem-lhe os auxilios necessarios para emprehender a sua descoberta.

Em Hespanha luctou sempre com a maior pertinacia na propaganda a favor da sua causa patenteando vasta erudição, o que lhe veleu alguns proselitos e protectores, sendo o principal fr. João Peres, guardião do convento da Rabida, que gosava de grande importancia nos conselhos de Fernando e Isabel. Não faltou tambem quem lhe chamasse aventureiro, visionario e até louco!!

Alguns escriptores carregaram demasiado as côres negras do mau resultado das pretenções de Colombo perante os reis de Castella.

N'um livro de contas de Francisco Gonzales de Sevilha, thesoureiro dos reis catholicos, entre outras despezas dos annos de 1485 a 1488 estão escripturadas as seguintes verbas:

«En dicho dia (5 de Mayo de 1487) di á Christóbal Colomo, extrangero, tres mil maravedis, que está aqui faciendo alguas cosas complideras al servicio de sus Altezas, por cedula de Alonso de Quintanilla, com mandamiento del Obispo de Palencia.

«En 27 de dicho mez (Agosto de 1487) di a Christóbal Colomo cuatro mil maravedis para ir al Real[1] por mandado de sus Altezas, por cedula del Obispo; y de distinta letra continua asi.

«Son siete mil maravedis com tres mil que se le mandaron dar para ajuda de su costa por outra partida de 3 de Julio.

---

[1] Estaba el Real sobre Malaga, cuyo sitio duró desde 7 de Mayo hasta 18 de Agosto de 1487, en que se entregó la ciudad; pero los Reys permanecieron algunos dias despues en una tienda que hicieron colocar cerca de la puerta de Granada. Bernardez, cap. 85 Navarrete, tom. I, n.° 2, pag. 8 da 2.ª edição.

«En dicho dia (15 de Octubre de 1487) di á Christóbal Colomo cuatro mil maravedis que sus Altezas le mandaron dar para ayuda a su costa por cedula del Opispo.

En 16 de Junio de 1488 di a Cristóbal Colomo tres mil maravedis por cedula de sus Altezas». [1]

A somma total d'estas verbas são 17:000 maravedis.

N'este ultimo anno de 1488 é que foi escripta a carta de Christovam Colombo a D. João II offerecendo-se novamente para descobrir o caminho do Oriente. Navarrete transcreve apenas a resposta do monarcha aceitando a proposta no seguinte theor:

A Christovam Colom, noso especial amigo en Sevilha.

Christóbal Colon. Nos Dom Joham per grasa de Deos Rey de Portugall e dos Algarbes; daquem e dallem mar em Africa senhor de Guinee vos enviamos muito saudar. Vimos a carta que nos escrebestes e a boa vontade e afeizaon que por ella mostraaes teerdes a nosso serviso. Vos agradecemos muito. Emquanto a que vossa industria e boo engenho nos será necessario, nos a desejamos e pracernos-ha muito de que visedes, porque em o que vos toca se dara tal forma de que vos debaes ser contente. E porque por ventura teerees algum rezeo de nossas justizas por razaon dalgumas cousas a que sejaaes obligado. Nos por esta nossa carta vos seguramos polla vinda, estada e tornada que não sejaaes preso, reteudo, acusado, citado nem demandado por nenhuma cousa ora seja civil ora criminal de cualquer cualidade. E por ella mesma mandamos a todas nossas justizas que o cumpram assi. E portanto vos rogamos e encommendamos que vossa vinda seja loguo e para isso non tenhaaes pejo algum e teremos muito em serviço. Scripta em Avis a vinte de Marzo de mil cuatrocientos ochenta e ocho. [2]

El Rey.

Temos algumas duvidas sobre a authenticidade d'esta carta, em que D. João II acceita as offertas do genovez com absolvição plena de todas as faltas civis ou criminaes em que tivesse incorrido! O monarcha justo não costumava prestar-se a taes indulgencias, e principalmente sendo aquelle considerado um aventureiro que lhe havia fugido dos seus estados. Portugal possuia então

---

[1] Bernardez, cap. 85. Navarrete, tom. I, n.º 2, pag. 8 da 2.ª edição.

[2] Navarrete, doc. dipl. n.º 3, que diz existir o original no archivo do duque de Veraguas.

grandes cosmographos, que seria longo mencionar, nacionaes e extrangeiros, promptos a emprehenderem as grandes viagens para o descobrimento da India e Terra do Preste João. Era este um projecto decidido só diverso do de Colombo na direcção a seguir. Além d'estas razões temos a redacção da carta de D. João, em linguagem um pouco hespanholada e destoante ao que então se escrevia.

Fazendo mesmo justiça ao caracter de Colombo, então subsidiado por Fernando e Isabel, mal se comprehende a offerta de ir servir outra nação!

Só minuciosa analyse na carta original (?) poderia resolver estas duvidas.

Impaciente pela demora que tinham os reis catholicos em organisarem a frota, com que devia tentar a grande descoberta, tomou a resolução de ir a França insistir com o christianissimo Carlos VII para favorecer a *missão que Deus lhe havia revelado na terra*, como elle dizia.

Quando já ia em caminho foi chamado pela rainha D. Isabel, que, apesar da opinião contraria de seu marido, tomou a empreza sob sua protecção, e os aprestos para a viagem começaram immediatamente.

Em 17 de abril de 1492 foi assignado um contracto, obrigando-se os reis de Hespanha, no caso de ser bem succedida a empreza, a conferirem a Christovam Colombo e a seus successores o cargo de almirante, com as honras e prerogativas de grande almirante de Castella, o titulo de Dom, e o vice-reinado das terras que descobrisse, com direito á decima parte de todas as perolas, pedras preciosas, oiro, prata, achados, comprados, trocados, e com outras muitas vantagens e privilegios.

Os monarchas hespanhoes, pelo mau estado do thesouro em consequencia da guerra de Granada, tiveram de contrahir varios emprestimos para aprestar a expedição. [1]

A 3 de agosto de 1492 logrou Colombo mandar desfraldar as vellas da sua frota, composta das caravellas, a *Nina* de Alonso Pinzon, a *Pinta*, em que ia seu sobrinho Vicente Pinzon, e a *Santa Maria*, de maiores dimensões, de 100 tonelladas e uns trinta metros de comprido, do almirante. Sahiu de Palos, pequeno porto da Andaluzia, com a tripulação de 120 homens.

Na viagem luctou com immensos obstaculos e contrariedades, sendo das maiores a desconfiança e má vontade das guarnições dos navios.

No diario d'esta viagem [2] vem: «... 3 de outubro. Aparecieron pardelas, y erba mucha, alguna muy vieja, y otra muy fresca, y traia como fruta; y no vieron aves algunas, creia el almirante que le quedaban atrás las islas que traia pintadas en su carta».

---

[1] Gomara, *Historia de las Indias*. Navarrete, *Coll. de viag. y desc.*, tom. I, doc. 2.º
[2] Impresso por Navarrete, tom. I.

Por este periodo e segundo dizem varios escriptores, o genovez foi-se guiando por uma carta de marear. Seria a de Toscanelli, egual á que enviou ao conego Martins e onde se notava a Antilia?

Este homem verdadeiramente extraordinario pela coragem com que persistia, e pela fé cega com que acreditava as inspirações celestes, conseguiu vencer todos os obstaculos e descobrir as ilhas de Cuba, Lucayas e S. Salvador. [1]

Na volta para a Europa, em fevereiro de 1493, aportou á ilha de Santa Maria, onde o capitão João de Castanheda, por suspeitas, pretendeu aprisional-o. [2] A 6 de março entrou o Tejo; e D. João II, que se achava em Valle do Paraizo, logo que o soube mandou-o chamar, para se informar se o descobrimento das ilhas de Cypango e Antilia, de que vinha tão ufano, estavam dentro dos mares e terras do seu senhorio da Guiné. O genovez alardeando das riquezas e possessões que adquirira para a Hespanha, censurou el-rei D. João de não dar credito ás suas promessas. (Aqui contradiz-se em parte a carta que Colombo recebeu em 1488 do monarcha portuguez). Pela sua descortezia houve idéa de o matarem, ao que el-rei se oppoz formalmente. [3]

Colombo affirmava ter descoberto a ilha de *Ophir*, que dizia proxima das Antilias e a que poz o nome de *Hispaniola*. Pedro Martim de Angéva na *Oceanica* [4] diz: «. . . *Offyaã ĩsulã sesse reperisse refert sed cosmographorum tractu diligẽter considerato atilie isule sũt ille et adiacẽtes alies hãc hispaniolã appellauit*».

Na côrte de Fernando e Isabel foi recebido com as maiores solemnidades em abril de 1493, prestando-se-lhe grandes honras e fazendo-se-lhe largas mercês, entre as qnaes a de addicionar ao seu brazão nm leão e um castello.

---

[1] Varnhagen publicou em Valencia a primeira *carta* que Colombo escreveu a D. Gabriel Sanches, thesoureiro de Aragão, dando conta do famoso descobrimento. Diz o titulo: *Primera epistola del almirante D. Christobal Colon dando cuenta de su gran descobrimento a D. Gabriel Sanchez, tesorero de Aragon. Acompaña el texto original castellano el de la traduccion latina de Leandro de Cosso, segun la primera edicion de Roma de* 1493, *y precede la noticia de una copia del original manuscripto, e de las antiguas adiciones del texto en latin, hecha por el editor D. Genaro H. de Volafen* (anagramma de Adolfo de Varnhagen). Depois fez-se nova edição em Vianna, pelo mesmo editor, servindo de texto o unico exemplar conhecido da primitiva, em castelhano, que se conserva na *bibliotheca Ambrosiona* de Madrid, sem indicação de anno.— *Carta de Christóbal Colon, enviada de Lisboa a Barcelona en Marzo de* 1493. Nueva edicion critica etc. Viena, 1869, 8.º de XXXVI-51 pag.

[2] Navarrete, vol. I, pag. 300.

[3] Resende, *Chron. de D. João* II, cap. 66.

[4] Decada 1.ª, Impressão de 1511.

Em 28 de maio de 1483 foi-lhe confirmado o cargo de almirante, vice-rei e governador das ilhas e terras, que havia descoberto e descobrisse. Na mesma data teve a nomeação de capitão general da armada que ia em segunda viagem á India, com auctorização de prover os officios, e de nomear quem o substituisse na sua ausencia. [1]

Pouco tempo lhe foi concedido de descanço. A 25 de setembro do mesmo anno tornou a sahir de Cadiz para continuar as descobertas, e os reis de Hespanha, com animo e crença no novo almirante, pozeram á sua disposição 17 navios bem providos e guarnecidos por 1:500 homens. N'esta segunda viagem fundou diversos estabelecimentos nas Antilhas e em S. Domingos. A 24 de abril de 1494 entregou o governo da nova colonia a seu irmão Diogo e, com tres caravellas, partiu para continuar as descobertas. Conseguiu chegar ao Cabo de S. Antonio; mas o mau estado dos navios obrigou-o a voltar para a Hispaniola, onde encontrou revoltados a maior parte dos europeus, commettendo as maiores atrocidades, e quando deram noticia da chegada da frota do almirante, apoderaram-se de algumas caravellas e fugiram para Hespanha.

Colombo coadjuvado por seu irmão Bartholomeu e duzentos homens supplantou 100:000 indios; mas fizeram grande numero de victimas, e as crueldades que se praticaram são descriptas por Las Casas com horriveis côres.

Constando-lhe que os seus inimigos o accusavam e intrigavam com os reis de Castella, para se justificar, entregou o governo das ilhas a seu irmão Bartholomeu, de sua inteira confiança, com o titulo de *Adelantado de las Indias*, [2] e embarcou para a Europa.

Colombo teve na côrte recepção um pouco fria: as suas promessas de oiro não se haviam realisado, e a gloria do genovez pouco importava então á Hespanha. Atravez de numerosos enredos e inimizades e ainda com o apoio da rainha Isabel, conseguiu uma terceira expedição, que sahiu do porto de S. Lucas a 30 de maio de 1498.

Nesta viagem destacou tres navios para Hispaniola, e navegando a oeste até as bocas do Orenoco, descobriu o littoral do Pará e a parte do continente americano, ainda hoje, em homenagem ao seu nome, chamado Colombia. Por se terem aggravado os seus padecimentos viu-se obrigado a voltar para a sua ilha, onde encontrou a maior anarchia, e soube que muitas guerrilhas assolavam as povoações commettendo roubos e assassinatos. O almirante, não tendo a força precisa para os castigar, viu-se obrigado a pactuar com elles e queixou-se aos reis catholicos.

---

[1] Navarrete, doc. n.os 41 a 44.

[2] Mercê que lhe havia sido feita pela carta regia de 22 de junho de 1497.—Navarrete, doc. n.º 222.

Os seus inimigos na côrte, que aproveitavam todos os ensejos de o malquistarem com Fernando e Isabel, interceptaram-lhe a correspondencia, desfiguraram os factos com calumnias, e levaram os monarchas a mandar syndicar do estado da colonia. Francisco Bobadilla, que era émulo de Colombo, foi o indigitado e nomeado, em 21 de março de 1499, para esta commissão, com plenos poderes de punir os criminosos, e até de depôr o almirante e seus irmãos, caso os achasse culpados, assumindo o governo das Indias.[1] Na ilha Hispaniola ouvio de preferencia os inimigos do vice-rei e assim se tornou facil satisfazer aos seus interesses. O almirante e seus irmãos foram demittidos de todos os cargos, sequestrados os seus bens, sendo encarcerados carregados de cadeias,[2] e assim os mandou embarcar para a metropole.

O povo hespanhol fez honroso acolhimento ao illustre captivo, e stigmatisou o vil procedimento de Bobadilla. Os reis castelhanos associaram-se ás manifestações dos seus vassallos, mas entretiveram o grande navegador com magnificas promessas sem lhe restituirem os seus cargos e honras.

As descobertas da India por Vasco da Gama e do Brasil por Pedro Alvares Cabral despertaram a ambição dos reis catholicos, e alentaram o espirito de Colombo, a quem foi confiada nova expedição, e a 11 de maio de 1502 partiu de Cadiz com quatro caravellas para a sua ultima viagem, onde parece haverem-se colligado todos os estorvos para experimentar a coragem do bravo genovez. Depois de immensas atribulações logrou voltar á Hespanha, velho, alquebrado pelas fadigas do corpo e do espirito, e pobre! O heroico descobridor da America só recebeu como premio dos seus relevantissimos serviços a miseria, os accessos de gotta, e uma ophtalmia chronica, padecimentos que se lhe aggravaram pela ingratidão com que o trataram em Hespanha depois da morte de Isabel a Catholica, sua protectora.

Em 1505 ainda escrevia a D. Fernando V: «Nuestro senor milagrosamente me envió acá, porque fui aportar a Portugal adonde el Rei de alli entendia en el descobrir mas que otro alguno».[3] Já a cahir na sepultura dizia n'uma carta a Diogo de la Doca: «Sua Magestade não julga a proposito cumprir as promessas que elle e a rainha me fizeram, debaixo da sua palavra e seu sello: fiz tudo que devia e deixo tudo a Deus, que foi me sempre propicio».[4]

---

[1] Navarrete, doc. n.os 127 e 128.

[2] As cadeias conservou-as Colombo sempre no seu quarto, recommendando que quando morto as collocassem no seu esquife.

[3] Navarrete.

[4] Fernando Colombo, que foi o biographo de seu pae, achou no seu appellido uma especie de emblema mysterioso, comparando-o á pomba de Noé «... pois levou o ramo de

Christovam Colombo era homem muito intelligente, prespicaz, de admiravel arrojo e orgulhoso. Excessivamente crente na divina providencia, conservou essa fé viva até fallecer com 68 ou 69 annos de edade, em Valladolid, no dia de Ascenção, 20 de maio de 1506. Os seus restos mortaes foram depositados na egreja do convento dos Franciscanos, onde se conservaram até 1513, e trasladados, segundo diz o testamento de seu filho D. Diogo, para a capella de Sant'Anna, depois Santo Christo, do mosteiro de Santa Maria dos Cartuchos de las Cuevas, extramuros da cidade de Sevilha, onde lhe foi levantado um monumento funebre com esta inscripção:

A Castilla y a Leon
Nuevo mundo dio Colon

Por uma clausula do seu testamento, feito na vespera da sua morte, foram em 1536 os seus ossos para a ilha de S. Domingos, e collocados na capella-mór da egreja cathedral, jazigo que lhe foi concedido por uma ordem regia, em 2 de junho de 1537, para elle e seus herdeiros. O bispo e cabido oppozeram grande resistencia ao cumprimento d'esta ordem, mas seu neto D. Luiz Colombo, duque de Veraguas sempre o conseguiu entre os annos 1540–1559. Na campa não lhe pozeram inscripção alguma, mas conservou-se de memoria estar na capella-mór do lado do evangelho.

Pelo tratado de Basilea de 22 de julho de 1795 cedeu a Hespanha á republica franceza os seus direitos á ilha de S. Domingos, e o tenente general da armada, D. Gabriel Aristizabal, commandante da esquadra do rei catholico, resolveu, sem ordem do seu governo e unicamente movido por sentimentos patrioticos, levar para Cuba as preciosas reliquias do descobridor da America. Fez reunir os principaes habitantes da ilha na egreja cathedral, a 20 de dezembro do dito anno, e os restos mortaes de Colombo, na maior parte reduzidos a pó, foram exhumados, lavrando-se o auto. Devidamente acondicionados embarcaram no navio *S. Lourenço*, que os transportou para Cuba, onde foram recebidos a 15 de janeiro e conduzidos processionalmente com todas as solemnidades para a Cathedral, sendo depositados em urna de prata no presbiterio, n'um nicho aberto na parede da parte do evangelho, coberto por uma lapida, encimada com o seu busto em marmore, e a seguinte inscripção:

---

oliveira e o oleo do baptismo além do oceano, e com a paz e o Evangelho a luz que destruiu as trevas do barbarismo». Seriam estas as suas intenções, mas os factos é que nem sempre afinaram por tão pacifica escala.

D • O • M
CLARISS • HEROS LIGUSTIN •
CHRISTOPHORUS COLOMBUS
A SE REI NAUTIC • SCIENT • INSIGN •
NOV • ORB • DETECT •
ATQUE CASTELL • ET LEGION • REGIB • SUBJECT •
VALLISOL • OCCUB •
XIII KAL • JUN • A M • DVI
CARTUSIANOR • HISPAL • CADAV • CUSTOD • TRADIT •
TRANSFER • NAM IPSE PRÆSCRIPS
IN HISPANIOLÆ METROP • ECC •
HINC, PACE SANCIT • GALLAIÆ REIPUB • CESS •
IN HANC V • MAR • CONCEPT • IMM • CATH • OSS TRANS •
MAXIM • OM • ORD • FREQUENT • SEPUL • MAND •
XIV KAL • FEB • A • MD • C • C • X • C • V • I •
HAVAN • CIVIT •
TANT • VIR • MERITOR • IN SE NOM IMMEM •
PRETIOS • EXUV • IN OPTAT • DIEM TUITUR •
HOCCE NONUM EREX •
PRESUL • ILL • D • D • PHILLIPO IPH TRESPALACIOS
CIVIC • AC MILITAR • REI • GEN • PRÆF • EXMO •
D • D • LUDOVICO DE LAS CASAS

Os dominicanos depois suppozeram encontrar na sua cathedral os verdadeiros restos mortaes de Christovam Colombo. Em 10 de outubro de 1877 solemnisaram o seu *achado* com grandes festas, e mostraram o cofre de chumbo, com varias inscripções, que a boa critica, baseada em documentos officiaes, logo lhe negou a authenticidade. A Real Academia de Historia, consultada pelo governo hespanhol em 23 de outubro do mesmo anno, no seu erudito informe de 14 de outubro de 1878 tambem assim o fez sentir.

Em março de 1891 abriu o governo hespanhol um credito especial para a construcção de um sarcophago na cathedral de Havana, onde serão depositados os restos do grande descobridor da America. Realisado este projecto é o quarto tumulo que lhe tem sido construido.

A prioridade da descoberta da America tem-lhe sido contestada por diversos historiadores, dizendo uns haver Colombo visitado a Islandia em 1477, onde ouvio a narrativa dos antigos descobrimentos feitos pelos scandinavos, e que das informações ahi obtidas lhe nascera a idéa de tentar tão temeraria empreza.

Os proprios auctores hespanhoes do seculo XVI escreveram: que uma caravella, accossada por grande tempestade foi parar a terra desconhecida e, depois de immensas fadigas, o piloto e tres ou quatro tripulantes lograram arribar ao Funchal, onde em poucos dias, pelas graves doenças de que vinham acommettidos, falleceram em casa de Christovam Colombo, que os havia hospedado, ficando em seu poder os papeis e diario de tão longa e tormentosa viagem.[1]

Varios escriptores portuguezes narram este episodio, tambem como tradicional.

A nacionalidade do piloto e dos marinheiros ficou em mysterio, só Colombo o podia dizer, mas querendo elle aproveitar-se do legado tinha interesse em o calar para no emprehendimento do feito alcançar toda a gloria.

Se o facto se deu devia ser entre os annos de 1472 a 1480, epocha em que Colombo residiu na Madeira. A historia por mais que profunde não consegue muitas vezes descobrir a origem das tradições nem distinguil-as das lendas por falta de documentos: só estes depois de analysados com bom criterio dão a plena confiança.

Diz o visconde de Santarem:[2] «Antonio Gallo, historiador genovez,[3] em um tratado a que deu o titulo: *De navigatione Colombi per inaccessum antea oceanum commentariolus*, composto provavelmente nos ultimos annos do dito seculo (1398–1499)[4] assevera que a existencia do mundo a que chamam India (isto é o novo continente) não tinha sido revelada a Christovam Colombo pelas suas proprias meditações, mas que lhe tinha sido communicada por seu irmão Bartholomeu Colombo—o qual concebera o projecto da possibilibilidade de se effectuar uma navegação na direcção d'oeste, em razão de marcar os descobrimentos portuguezes effectuados além de S. Jorge da Mina sobre os Mappasmundi, que desenhava em Lisboa para ganhar a sua vida».

«Humboldt[5] julga, fundando-se nos documentos que nos restam relativos ao descobrimento do Novo Continente, que fôra durante a residencia de Christovam Colombo em Portugal desde o anno de 1470 a 1484 que este grande homem aperfeiçoara os seus estudos, consultando os homens sabios do paiz».

Las Casas, contemporaneo e amigo de Christovam Colombo, teve em 1502 em seu poder as cartas do descobridor da America com as indicações das terras occidentaes colhidas por pilotos portuguezes.

---

[1] Las Casas, *Historia de las Indias*, liv. 1.º, cap. 13 e 14. Lopes Gomara, *Hist. gen. de las Indias*. Acosta. *Hist. nat. y moral de las Indias*, 1590, etc.

[2] *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes*, etc., pag. 125.

[3] Vid. *Muratori*, *Rerum italicarum scriptores*, tom. XXIII, pag. 302.

[4] Este auctor tambem escreveu: *de Rebus Gemensium*.

[5] *Examen critique de l'histoire du nouveau continent*, tom. I, pag. 92 e 96.

Tem-se attribuido o descobrimento da Terra Nova a João Vaz Corte-Real, o que daria aos portuguezes a prioridade da descoberta da America. Este assumpto veiu á tela da discussão n'este seculo por varios escriptores, sendo dos principaes Sebastião Francisco Mendo Trigoso,[1] Joaquim José Gonçalves Mattos Correia,[2] o sr. Luciano Cordeiro...[3] e outros, baseando-se essencialmente na *Historia Insulana* do P. Antonio Cordeiro. Este auctor não cita documento algum que comprove o facto: copiou sem criterio as *Saudades da Terra* do dr. Gaspar Fructuoso, servindo-se tambem de um manuscripto anonymo, devido a tradições vagas,[4] e accrescentou por vezes algumas invenções da sua lavra, no intuito patriotico de abrilhantar mais os serviços maritimos dos açorianos.

A publicação em 1883 do consciencioso investigador, o sr. Ernesto do Canto, sobre os *Corte-Reaes* estabeleceu a verdade dos factos com documentos incontestaveis e boa critica. Ahi são transcriptas duas cartas importantes, uma do embaixador de Veneza em Lisboa, Pietro Pasqualigo,[5] dirigida a seus irmãos em 19 de outubro de 1501, onde faz a narrativa da chegada de uma das caravellas da expedição de Gaspar Corte-Real, sahida de Lisboa no começo do mesmo anno, para o descobrimento das terras septentrionaes, que encontraram a 2:000 milhas de distancia, entre noroeste e poente, percorrendo depois, parte da extensa costa, que lhes pareceu terra firme, e continuação da que havia sido descoberta ao norte no anno anterior; e em seguida descreve os habitantes com seus usos e costumes, e os indigenas vindos na mesma caravella. A outra carta, existente no Archivo de Modena, é de Alberto Cantino, para o duque de Ferrara, Hercules d'Este, onde escrevera o que ouvira a um dos capitães da expedição, quando contava a el-rei D. Manuel os perigos que correram na viagem por causa dos grandes gelos que encontraram. Cantino enviou tambem ao mesmo duque em 1502 um mappa-mundi, que segundo a opinião de M. Har-

---

[1] *Memorias de litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. VIII, pag. 305.

[2] *Ácerca da prioridade das descobertas feitas pelos portuguezes nas costas orientaes da America do norte.* Vid. *Annaes maritimos e coloniaes*, tom. I, pag. 269 e 423.

[3] *De la découvert de l'Amérique.* Lisboa, 1876, 8.º de 86 pag. Este opusculo do nosso amigo Luciano Cordeiro contém numerosas noticias que logrou colher, á custa de improbo trabalho.

[4] Havia varias copias, tendo por titulo: *Breve noticia do descobrimento das ilhas Terceiras, que por outro nome se chamavam Flandrias.* É posterior ao anno de 1672, pois se refere já á erupção no Fayal, que teve logar n'este anno.

[5] Este embaixador vem citado por Damião de Goes na *Chron. de D. Manuel*, p. 1.ª, cap. XLII.

risse,[1] é dos monumentos geographicos mais notaveis e importantes para a historia das primeiras navegações transatlanticas que se conhece.

No portulano de Vesconte de Maggiolo, datado de 1511, vendido em 1870 em Madrid, no leilão da bibliotheca do duque de Altamira, vem mencionada a *terra de los Ingres*, e dez graus ao sul a *terra de Lavrador de rey de portugall*, e outros dez graus ao sul a denominada *terra de corte reale de rey de portugal*, seguida da indicação *terra de pescaria*.

O mesmo M. Harrisse diz ter encontrado n'um mappa em pergaminho, anonymo, datado de 1534, existente na bibliotheca ducal de Wolfenbuttel, com a rubrica—94 e 95 AUG. a seguinte legenda na terra do Lavrador na America septentrional: *Tiera do Labrador. La qual fue descubrieta por los ingleses de la villa de bristol, e por que el que dio el laviso della era labrador de las illas de los Açores le quedo este nombre.*[2]

A doação do senhorio da Terra Nova de juro e herdade a Gaspar Corte-Real, assim como de mais algumas ilhas ou terra firme que descobrisse, com as clausulas mencionadas na mercê, tem a data de 12 de maio de 1500.[3] Gaspar Corte-Real foi 3.º filho de João Vaz Corte-Real,[4] e nasceu pelos annos de 1450. Voltando ao norte da America no anno de 1501 ahi se perdeu com o navio e gente que levava.

Na carta de confirmação a seu irmão primogenito Vasco Annes Corte-Real, datada de Lisboa em 3 de agosto de 1538, se diz: «... e hauendo respeyto e lembrança como o dito Gaspar Corte Reall seu irmaõ ffoi o primeiro descobridor das ditas teras e a sua propria custa e despesa com muito trabalho e risquo de sua pesoa, e como finallmente com muitos criados e homes que com siguo leuaua nyso acabou, e asy mesmo como depois Miguel Corte Real seu irmaõ, que foy noso porteiro mor, indo em busqua do dito seu ir-

---

[1] Jean et Sabastien Cabot, pag. 160.

[2] Este documento indica a origem do nome dado á terra. Provavelmente o lavrador era João Fernandes, que teve a concessão das terras que descobrisse e se associou depois com os inglezes, como dissemos anteriormente a pag. 12.

[3] Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv. 49 de D. João III*, fl. 243 v. Doc. impresso na *Mem. dos Corte-Reaes.*

[4] João Vaz Corte-Real, a quem alguns auctores teem pretendido dar a prioridade do descobrimento da America, foi porteiro-mór do infante D. Fernando, e teve a donataria de parte da ilha Terceira em 1474, e da ilha de S. Jorge em 1483. Foi casado com D. Maria Abarca, natural de Tuy, e falleceu em Angra a 2 de julho de 1496, sendo sepultado na capella-mór do convento de S. Francisco, cujo jazigo e capella havia construido á sua custa. Foi arrojado navegador.

maõ, com nauios e gemte que á sua propria custa e despesa armou, no que gastou muito de sua fasenda por busquar e achar e remir o dito seu Irmaõ, e asy por nos seruir no descobrimento das ditas teras em que trabalhou quanto posyvel, foy no que outro sy apos o dito seu irmaõ falecco e acabou, e com elle muitos criados de seu pae e seus e do dito Vasco Anes com sua propria fasenda criados e homes seus sempre ajudou os ditos seus irmaõs e ainda oje em dia de sua fazenda paga e satisfaz as dividas e cargos e obrigações que por esta causa os ditos seus irmãos suas vydas acabaram...» [1]

. . . .

Colombo falleceu no erro de que a costa de Veraguas fazia parte do grande imperio do Cathay da provincia de Mango, na China septentrional, e que a ilha de Cuba era continente. Escrevendo á rainha Isabel dizia elle: «el mundo es poco, digo que el mundo no es tan grande como dice el vulgo». [2]

Todas as circumstancias da vida do grande Colombo, que deixamos narradas, e lhe são mais ou menos favoraveis, estão escriptas nos historiadores, mas nenhuma diminue o valor do descobrimento nem a gloria do feito. Christovam Colombo desenvolveu os seus estudos nauticos em Portugal com a lição dos principaes navegadores, e animado pela sua intima crença religiosa luctou corajosamente contra milhares de obstaculos e intrigas, que conseguiu vencer, dando á Hespanha um imperio de riqueza e abrindo ao mundo civilisado o caminho de outro continente desconhecido. A sua assignatura era assim:

.S.
.S. A .S.
X M Y
: Xpo FERENS./

Não tendo Colombo deixado explicação d'estas iniciaes tornou-se a sua assignatura um verdadeiro enygma, cuja interpretação é muito difficil por a

---

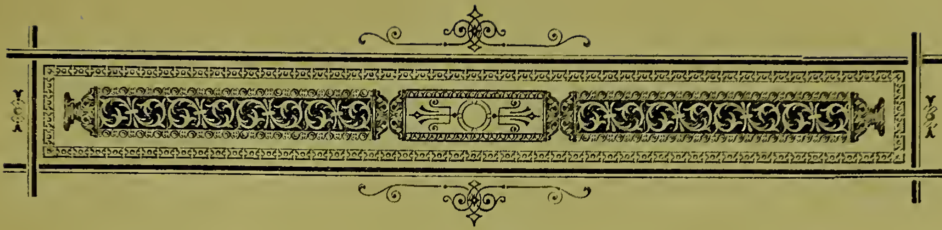
[1] Arch. da Torre do Tombo, *Liv. 69 de D. João III,* fl. 243 v.
[2] Navarrete, pag. 12.

variante das versões a que se prestam, sem haver dados para a preferencia; todos concordam em significarem invocação religîosa, e de entre as immensas interpretações que se tem publicado, apresentamos os dois especimens seguintes:

Suplex
Servus Altissimi Salvatoris
Chriti, Maria Yosephus
Christophoro

Servus
Sum Altissimi Salvatoris
Xriste Maria Jesus
Xriste Ferens





III

PEDRO ALVARES CABRAL E O BRASIL

Dom Manuel continuou as emprezas maritimas dos seus antecessores, e escolheu Vasco da Gama para a descoberta das Indias orientaes, grandioso encargo de que elle tão brilhantemente se desempenhou. Cumpria, depois de consolidar o tracto commercial com aquelles povos, castigar alguns que sem motivo haviam hostilisado traiçoeiramente a pequena expedição portugueza. N'este intuito se apparelhou no Tejo uma armada de treze embarcações, guarnecidas com 1200 homens, cujo commando foi confiado a Pedro Alvares Cabral.

Gaspar Correia diz ser Cabral homem fidalgo, de bom saber, intimo amigo de Vasco da Gama, e que este o incitara a offerecer-se a el-rei para ir como capitão-mór da expedição. [1]

Deu-se grande apparato á cerimonia da partida. O bispo D. Diogo Ortiz pregou um eloquente sermão, na egreja dos Jeronymos.—D. Manuel, entregando a Cabral a bandeira branca com a cruz vermelha da ordem de Christo, collocou-lhe na cabeça um chapeu bento pelo papa; e o immenso povo, que concorrera áquelles actos, cobriu de acclamações o intrepido guerreiro, quando embarcou no esquife que o levou para bordo da nau capitania.

A armada sahiu o porto de Lisboa n'uma segunda feira 9 de março de 1500, levando o capitão-mór minuciosas instrucções por onde se devia guiar. [2]

---

[1] *Lendas da India*, tom. I, pag. 146.

[2] Existe apenas um caderno no Arch. da Torre do Tombo, (maço 1 de leis sem data, n.º 21) e foi impresso por Silveira Pinto nos *Annaes maritimos e coloniaes*, tom. V, parte não official.

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel, descreve minuciosamente a viagem até á descoberta do Brasil. É um documento original conservado na Torre do Tombo,[1] que tem para nós a maior importancia, e por isso o seguimos com a maxima exactidão.

A 14 do dito mez de março, achou-se a frota nas alturas das Canarias; a 22 os pilotos avistaram a ilha de S. Nicolau, e na noite immediata desappareceu a nau de Vasco de Atayde, sem vento forte nem contrario. Cabral fez algumas diligencias para a encontrar, e não o conseguindo navegou pelo mar do Congo. Em 20 de abril observou nas aguas varias plantas chamadas *botelhas* e *rabo d'asno*, e no dia seguinte viram umas aves *(Fura-buchos)*. A horas de vesperas distinguiram em terra um monte muito elevado e redondo, ao qual foi posto o nome de *Monte Pascoal*, com serras mais baixas ao sul, e os valles cobertos de frondoso arvoredo.

Deitado o prumo acharam 19 braças; alli fundearam e passaram a noite.

Na quinta feira 22 de manhã approximaram-se os navios á terra, até á distancia de meia legoa, e avistaram-se na praia alguns indigenas. Então o capitão-mór mandou Nicolau Coelho no seu batel, pelo rio que alli desagua, e quando o entraram accudiram á praia uns trinta homens pardos, armados de arcos e settas, que em boa paz trocaram algumas coisas insignificantes.

O vento sueste, que soprou rijo n'essa noite, fez sentir que os navios não estavam alli em segurança, e por conselho dos pilotos desfraldaram as vellas e navegaram junto á costa em procura de algum abrigo. Á distancia de dez leguas encontraram um recife protegendo um bom porto, que foi logo sondado por Affonso Lopes, e n'essa occasião tomaram uma almadia com dois gentios, que conduziram para bordo da capitania. Andavam nús, com os beiços furados, que dilatavam mettendo nos furos varios objectos: o cabello era corredio e curto, e alguns o enfeitavam com pennas de côres. Offereceram-lhe comida, de que não gostaram e mostraram grande admiração e cobiça pelo colar que tinha ao pescoço o capitão-mór. Deram-lhe outro de contas, que os não contentou.

No sabbado de manhã entraram as naus no porto, ancorando a cinco e a seis braças, e pelo bem que ficaram se denominou o porto—*Porto Seguro*. Com Bartholomeu Dias e Nicolau Coelho foi a terra Pedro Vaz de Caminha levar os dois indigenas, com os seus arcos e settas, bem presenteados com camisas, campainhas, carapuças vermelhas, rosarios de contas brancas, cascaveis; e

---

[1] Vid. doc. n.º 2, *in fine*. Além do documento original existe no mesmo archivo uma copia não correcta. Com o auxilio do nosso amigo e distincto paleographo sr. José Basto foi conferido o traslado que publicamos com o original, e o fac-simile da primeira pagina com a assignatura de Caminha.

para conhecer da lingua, usos e costumes dos indigenas foi indicado o degredado Affonso Ribeiro, que havia sido creado de D. João Tello.

Apenas chegaram á praia correram ao seu encontro uns duzentos homens, armados com arcos e settas, que logo depozeram no chão pelos signaes que lhe fizeram os dois gentios que iam nos bateis. A troco de alguns cascaveis ou manilhas prestaram-se a ir buscar agua, e davam arcos e settas por sombreiros, carapuços de linho, etc. Os dois mancebos logo que desembarcaram partiram de corrida para o interior da terra. Todos aquelles selvagens usavam tambem os beiços furados onde tinham introduzidos identicos ornatos; o corpo de alguns estava pintado, e o de outros via-se coberto de pennas pegadas á pelle, o que levou Caminha a dizer—que pareciam setteados como S. Sebastião.

Terminado o carreto da agua, vieram trazer o degredado, por não quererem os indigenas que lá ficasse. Bartholomeu Dias ainda o fez voltar com presentes, mas sem melhor resultado. [1]

No domingo da Paschoela, 26 de abril, improvisaram um altar n'um grande ilhéo, deshabitado, proximo á bahia, officiando Fr. Henrique, [2] e depois a gente

---

[1] Os selvagens que habitam differentes provincias do Brasil podem grupar-se em tres ou quatro especies, assemelhando-se mais ou menos pelos seus caracteres physicos e costumes.

O tupy é a lingua que mais geralmente falam, e, por isso, a mais conhecida. Os padres jesuitas Anchieta, Montoya e Figueira deixaram trabalhos importantes sobre ella, e modernamente tem sido continuados estes estudos pelo dr. Baptista Caetano Almeida Nogueira e outros; mas só no seminario do Pará é que se conserva uma aula de tupy.

Além da raça tupy, a mais curiosa é a dos botocudos ou aymorés. Teem por costume, principalmente os homens, furar o beiço inferior, o lobulo das orelhas, e alguns até o nariz e as faces para lhe introduzirem diversos ornatos, como rodelas de madeira, pedaços de conchas, ossos, espinbas de peixe, cylindros de resina, ou de pedra de diversas qualidades, alabastro, etc. Pouco a pouco vão augmentando o diametro das rodelas chegando algumas a seis centimetros, o que lhes torna o rosto desforme e selvagem. As suas tribus, hoje ponco numerosas, habitam as florestas virgens do Jaquitinhonha, do Mucury, de S. Matheus e do Rio Doce. O beiço conserva-se quasi horizontal e a distenção dos lobulos das orelhas chega ás vezes até ás espaduas.

Os cabellos são rapados com a casca da canna, que corta como navalha de barba: a tinta com que de ordinario se pintam é de genipapo; e as pennas que lhe servem de ornamento são pegadas com cera.

[2] Apesar da carta de Caminha, teem alguns escriptores asseverado ser a descoberta do monte, a que foi posto o nome de *Pascoal*, na segunda oitava da Paschoa, e o chamar-se á terra de *Vera Cruz*, a ser dita a primeira missa em 3 de maio, dia em que se festeja este symbolo do christianismo. (Vid. *Rev. trim. do Inst. do Brasil*, tom. XXII, p. II, pag. 231).

desponivel das guarnições por alli espaireceram entretendo-se alguns a pescar. Cabral recolheu para bordo, onde reuniu em conselho todos os capitães, decidindo-se o deixar alli dois degredados para se relacionarem com os do paiz, enviar para a metropole o navio dos mantimentos com a noticia da descoberta para el-rei mandar tomar posse da terra, e a armada seguir viagem para o Oriente, como lhe fôra determinado. Ainda n'esse dia voltaram á praia, indo todos armados, e pacificamente andaram folgando entre os gentios. O capitão-mór bem acompanhado passou o rio, e caminhou pela margem ao longo da praia, seguido dos bateis, até chegar a uma grande lagoa de agua doce. Pretenderam deixar por alli o degredado Affonso Ribeiro, mas os selvagens com bom trato o tornaram a entregar, sendo quasi noite quando recolheram ás naus.

Na segunda feira foram os marinheiros buscar agua, e internaram-se até um local em que estavam varias familias indigenas. As mulheres, bem apessoadas, usavam os cabellos negros cahidos pelas costas, e os homens tinham rapadas as sobrancelhas e pestanas, e a cabeça até acima das orelhas. A pintura do corpo mais commum é a vermelha, e a tinta é tirada do urucú cujas sementes da mesma côr são creadas n'uns ouriços, semelhantes aos produzidos pelos castanheiros.

O capitão-mór ordenou que Affonso Ribeiro e outros dois degredados fossem folgar com os gentios e ficassem lá de noite. Caminharam até á distancia de legua e meia, encontrando uma povoação de umas dez casas muito compridas, sem repartimento, com duas portas nos extremos, e cobertas de palha. Dentro, suspensas nos prumos, estavam as redes em que dormiam, e em cada casa se accommodavam trinta a quarenta pessoas. Ahi deram cascaveis e outros objectos insignificantes, recebendo papagaios vermelhos muito grandes (aráras), carapuças de pennas verdes, e um panno entrançado com pennas de muitas côres, n'um tecido formoso; mas á noite obrigaram-nos a voltar para bordo das naus.

Na terça-feira voltaram a terra os marinheiros para colher lenha e lavar roupa. Na praia juntaram-se uns duzentos gentios, que muito prazenteiros os ajudaram a cortar e a carregar lenha para os bateis. Emquanto estavam n'este serviço, dois carpinteiros faziam uma cruz do tronco de uma grande arvore, que na vespera haviam cortado, e os selvagens admiraram-se muito da ferramenta de ferro de que usavam, pois elles trabalhavam com pedras do feitio de cunhas, mettidas entre talas de madeira muito bem atadas.

Cabral tornou a mandar dois degredados com Diogo Dias, para que fossem para qualquer aldeia dos gentios, e que de toda a maneira não voltassem os degredados.

A quarta feira foi empregada no arranjo do navio dos mantimentos, em

que havia de partir Gaspar de Lemos para o reino, com a nova do descobrimento. Sancho de Toar foi a terra, e quando recolhia para bordo muitos gentios o quizeram acompanhar; mas só consentiu que fossem dois mancebos, que n'essa noite comeram de tudo que lhe deram, e lá dormiram com muita confiança.

Na quinta feira 30 de abril, de manhã, Sancho de Toar levou os seus hospedes ao capitão-mór, quando estava almoçando, e elles tornaram a comer, mas não beberam vinho por não gostarem. Alguns marinheiros foram nas lanchas aproar á praia, para completarem o fornecimento de lenha e agua, e pouco depois Cabral com parte da guarnição das naus ahi desembarcou, sendo muito bem recebidos pelos indigenas, e, caminhando atravez de frondoso arvoredo chegaram a uma grande ribeira, em cuja margem estava, encostada a uma arvore, a cruz de madeira. Junto d'ella todos se pozeram de joelhos e a beijaram, para mostrar o acatamento que lhe prestavam, e acenaram a uns doze gentios, que se achavam proximos, para os imitarem, o que elles fizeram com certa reverencia. Esta submissão deu esperança de os levarem com facilidade a abraçar o christianismo, principalmente se os degredados, que haviam de alli ficar, conseguissem entendel-os e fazerem-se entender. Entre estes gentios não se encontrava o mais pequeno indicio de trabalhos agricolas, nem da existencia de animaes domesticos. Sustentavam-se da raiz de inhame, que alli abundava, e de varias sementes que algumas arvores produziam, e só com isto apresentavam-se robustos e nutridos.

Na sexta feira 1 de maio desembarcou o capitão-mór com a bandeira que lhe entregára el-rei D. Manuel e parte das guarnições das naus vestida de gala, e depois de escolhido o sitio, em que havia de ser collocada a cruz, a foram buscar á margem da ribeira, conduzindo-a em procissão ao som de canticos religiosos. Alguns gentios prestaram-se voluntariamente a ajudar ao seu transporte, e o symbolo do Redemptor foi levantado a dois tiros de bésta do rio. Junto á cruz foi posto um altar, onde disse missa cantada Fr. Henrique, assistindo uns sessenta indigenas com o maior respeito até terminar a communhão dos sacerdotes e de mais alguns da armada. Acabada a missa o padre tirou a casula, e subido a uma cadeira pregou do evangelho. Depois Nicolau Coelho apresentou uma porção de pequenos crucifixos de estanho, que Fr. Henrique ia pendurando ao pescoço dos gentios, fazendo-lh'os beijar primeiro e levantar as mãos postas. Findas todas estas cerimonias pela uma hora da tarde recolheram ás naus. No dia 2 a armada levantou ferro para continuar a sua derrota.

Pero Vaz de Caminha termina a carta, que data de *Porto Seguro* da Ilha de *Vera Cruz* em 1 de maio de 1500, gabando a terra e aconselhando a sua povoação por europeus com sacerdotes para converterem aquelles pacificos sel-

vagens ao christianismo. Ahi ficaram dois degredados, e dois grumetes que desertaram.

João de Barros, Damião de Goes, Jeronymo Osorio e mais alguns historiadores, que se lhe seguiram, dizem, sem citarem documento comprovativo, que a armada navegou dezeseis dias com bonança até passar as ilhas de Cabo Verde, onde soffreu violento temporal que fez destroçar as naus, arribando a de Luiz Pires a Lisboa, e sendo as outras sem rumo certo impellidas pela força dos ventos e das correntes do Atlantico; e que em 22 de abril avistaram terra desconhecida onde aproaram e celebraram missa no primeiro de maio, levantando-se no mesmo local, como indicativo de posse, um padrão com as armas de Portugal. O capitão-mór poz religiosamente á terra o nome do *Vera Cruz*, que outros depois chamaram *Santa Cruz*.

Attribuem outros escriptores o acaso da descoberta do Brasil, além das tempestades, á separação da nau de Luiz Pires, que fez com que Cabral, andando alguns dias a procural-a, errasse o rumo indo parar á costa que fica fronteira á da Africa. Rocha Pitta conta que «corrido pela tormenta e perdidos os rumos da navegação, foram mais conduzidos da altissima Providencia que da furia dos profiados ventos, na altura do polo antarctico». [1]

Um terceiro grupo, baseado nos documentos coevos, que se podem considerar officiaes por serem enviados ao rei por individuos que faziam parte da guarnição da armada, quer que o desvio fosse intencional, para encontrar as novas terras das quaes já tinham alguns indicios.

Esta questão discutiu-se no Instituto historico e geographico do Brasil, [2] onde Joaquim Norberto de Sousa e Silva leu uma erudita memoria sustentando ter sido a descoberta intencional. Este escriptor tratou o assumpto muito proficionalmente, baseando a sua opinião em documentos authenticos.

Appareceu a contestar-lhe o parecer José Joaquim Machado de Oliveira, que, cheio de ridiculas pretenções, em phrases bombasticas insulta os portuguezes e termina dando como descobridor do Brasil a Vicente Pinzon! Não cita documento, nem auctor nem argumento acceitavel. [3]

---

[1] *Hist. da America portugueza*, liv. I, pag. 6, n.º 5.

[2] Vid. as *Memorias* publicadas na *Revista trimensal* do Instituto historico e geographico do Brasil, tom. XV, n.º 6, pag. 125; e tom. XVIII, n.º 29, pag. 279 a 405.

[3] Como amostra transcrevemos parte de um periodo, que ainda assim não é dos mais injuriosos: «e Cabral, que nem a ousadia tinha do seu illustre conterraneo, que primeiro se lançara áquelles mares abrindo-os ao mundo, desviou a navegação para o alto mar, dando-lhe largas sangraduras, e engolfando a armada para oeste, e por mares que eram desconhecidos..., e este demasiado precaver, orçando para uma prudencia meticulosa; este desorientado effugio ao originario proposito só com o fito de evitar perigos, que já an-

Joaquim Norberto de Sousa e Silva, na sua erudita *Memoria sobre o descobrimento do Brasil,*[1] trata a questão com bastante critica, tirando argumentos solidos e muito bem deduzidos, mostrando que a descoberta do Brasil por Cabral foi intencional.

A pequenez d'este opusculo não permitte transcrevel-os.

O dr. Antonio Gonçalves Dias, nas suas *Reflexões* ácerca da memoria de Joaquim Norberto[2], pertende combatel-a appoiando-se na auctoridade dos historiadores antigos, e tomando ao pé da lettra alguns trechos dos documentos coevos, como o da carta de Caminha «*e ele* (nosso senhor) *que nos pera aquy trouxe crêo que não foi sem causa*», e da participação feita por D. Manuel aos reis catholicos do descobrimento das terras de Santa Cruz, quando diz: «*Parece que nosso senhor quiz milagrosamente se achasse esta terra*».

O costume de invocar e attribuir ao auxilio de Deus todos os acontecimentos da vida é uma formula religiosa muito antiga e que ainda hoje se usa. As incertezas não devem admirar nas diligencias de procurar o desconhecido, quando somos guiados por pequenos indicios.

D. Manuel dando a Cabral instrucções secretas verbaes ou por escripto, como se suspeita, era o mais interessado em fazer acreditar ser o descobrimento devido ao acaso, para não melindrar o monarcha de Hespanha, que se julgava com preferencia n'estas descobertas pela linha divisoria estabelecida pelo papa Alexandre VI, e modificada depois a favor de Portugal no tratado de Tordesilla; receio aliás infundado, pois o Brasil ficava dentro dos limites que o tratado lhe assignalara.

Gonçalves Dias, com quanto não lograsse destruir os argumentos do seu contendor, nem por isso deixa, no seu trabalho, de revelar muito estudo e conhecimentos historicos.

---

teriormente tinham sido affrontados, e a que a insciencia afigurava de grandes proporções, deu o Brasil á corôa de Portugal, atando-o com vinculos de ferro, sugeitando-o pelo terror e desolação a um dos mais pequenos estados da Europa; envolvendo-o só em suas vicissitudes e decadencia; tendo-o em commum só em seus reveses; subtrahindo-o por mais de tres seculos áquella preeminencia a que dava-lhe juz sua posição no globo...» O escripto não merece a honra da discussão e a resposta o proprio auctor se incumbiu de a dar n'uma carta, que precede a verrina, quando diz: «... me prevaleça do antigo indulto com que o Instituto se dignou agraciar-me, desde de que honrou-me em me admittir em seu seio, de acolher benignamente meus escriptos, *pobres de merito como ricos de petulancia*, é n'esta confiança que apresento o incluso». É a unica verdade que se encontra n'aquellas nove paginas e meia.

[1] Publicado na *Revista trimensal* do Instituto historico do Brasil, tom. XV, pag. 125 a 209.

[2] *Ibidem*, tom. XVIII, pag. 289 a 334.

Joaquim Norberto acudiu logo a sustentar a sua opinião publicando na mesma *Revista* a *Refutação ás Reflexões*, onde destroe brilhantemente os argumentos em que se baseava o seu contrario, essencialmente pela falta de documentos.[1]

O padre Manuel Ayres do Casal, na sua monumental obra: *Chorographia Brasilica*, declara: que, tendo seguido com relação ao descobrimento do Brasil os principaes historiadores que haviam tratado do assumpto, lera depois a carta de Pero Vaz de Caminha, testemunha do facto narrando-o *não só com miudesa mas até com veracidade palpavel* pelo que se *vira obrigado a dar-lhe a preferencia.*

A ignorancia no rumo, indo a bordo Bartholomeu Dias, Nicolau Coelho e alguns pilotos que tinham acompanhado Diogo Cão e Vasco da Gama, não é acceitavel com relação á viagem para montar o Cabo da Boa Esperança.

Hoje a sciencia nautica com relação a tempestades, correntes maritimas e atmosphericas do oceano Atlantico sul, n'aquella monção, nega-se a acceitar a possibilidade dos navios de Cabral, pela sua acção, serem arrastados para oeste; mas ainda dado este caso, actualmente difficil de explicar, Caminha tão minucioso no descrever a viagem até Porto Seguro, ou qualquer dos outros tres escriptores, que iam na armada, não deixariam de o mencionar.[2]

Mas de preferencia aos historiadores que não confirmam a sua opinião com documentos justificativos, temos os melhores esteios, em quanto não apparecer outro de maior auctoridade, nas cartas de mestre João e de Pedro Vaz

---

[1] Publicado na *Revista trimensal* do Instituto historico do Brasil, tom. XVIII, pag. 335 a 405.

[2] Em uma das primeiras sessões da Commissão Colombiana da Academia Real das Sciencias de Lisboa, enunciámos o assumpto dos tres capitulos que constituem este opusculo, patenteando n'essa occasião, que as *cartas* de mestre João e Pero Vaz de Caminha, a *descripção da viagem* de Cabral por um piloto, e o *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco, os reputava documentos officiaes, por serem redigidos por individuos, testemunhas de vista, que faziam parte da armada.—Que esses documentos nos levaram á convicção, por não haver nenhum mais authentico em contrario, de que o descobrimento do Brasil não fôra casual e sim intencional. Dissemos mais que as duas cartas de mestre João e de Caminha podiam ser publicadas em fac-simile e transcriptas em linguagem moderna, muito correcta pelo original, no que haviamos sido auxiliado pelo eximio paleographo o sr. José Basto. O distincto official da nossa marinha de guerra e engenheiro hydrographo, o sr. Baldaque da Silva, pediu a palavra e explicou technicamente a impossibilidade das tempestades, correntes maritimas ou atmosphericas obrigarem os navios a seguir o rumo do Brasil. Considerando o sr. Baldaque uma boa auctoridade no assumpto rogámos a s. ex.ª a fineza de nos fornecer em nota a doutrina, que tão eruditamente havia expendido, para melhor corroborar a nossa opinião, ao que mui cavalheirosamente logo se promptificou. Dias depois pediu-nos uma prova da impressão, a esse tempo já feita mas ainda incorreta,

de Caminha, e na descripção de toda a viagem por um dos pilotos.[1] Todos faziam parte da armada e foram testemunhas de vista.

As duas cartas alcançam apenas até 2 de maio, dia em que sahiram de Porto Seguro, hoje conhecido pela Enseada da Corôa Vermelha; mas o piloto expõe todos os incidentes da viagem até á sua entrada em Lisboa, em fins de julho de 1501, voltando apenas seis naus, numero egual ao das que se perderam.

Nenhum d'estes documentos, que muito bem se podem considerar officiaes, falam em terem soffrido borrasca antes do descobrimento das terras de Vera Cruz.

Caminha, que é minuciosissimo em todos os pormenores, tambem nada diz a tal respeito, nem menciona reparos nos navios, que, a dar-se a tormenta, teriam necessidade de concertar algumas avarias.

O piloto descreve o grande tufão e tempestade que apanharam a demandar o Cabo da Boa Esperança, onde se voltaram quatro naus, que se perderam completamente com as guarnições, sem as outras lhe poderam acudir pela bravesa do mar, conseguindo escapar muito destroçadas.

Uma das naus perdidas era capitaneada pelo bravo Bartholomeu Dias, que achou o sepulcro nas ondas, proximo ao padrão da sua gloria.

Cabral chegou a Moçambique apenas com oito naus. Estabeleceu logo trato e amisade com o xeque, e pagou por dez vaccas e vinte cabras, que lhe mandaram para fornecimento da armada, cem *cruzados em oiro*, para mostrar grandeza.[2] De Melinde passou ás ilhas Anchedivas, e a 13 de novembro entrou o porto de Calecut, onde para castigo do traiçoeiro Samorim lançou fogo a 15 embarcações, que alli estavam ancoradas, e bombardeando a cidade destruiu bastantes edificios com morte de muita gente. Satisfeitas as represalias nave-

---

das cartas de mestre João e de Caminha (doc. n.os 1 e 2), e logo satisfizemos os seus desejos. S. ex.a preferiu coordenar uma memoria commemorativa do *Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral* para ser tambem presente no centenario do *Descobrimento da America em Madrid*, e apesar de repetir, por se basear principalmente nos dois documentos que lhe fornecemos, parte do terceiro capitulo que indicámos, com aspiração a programma, estamos certos que a sua *Memoria* por melhor desenvolvida dará superior relevo ao nosso deficientissimo trabalho.

[1] Ignora-se o nome. O original, que se considera perdido, foi vertido em latim, por Madrignano e incluido no *Novus Orbis* de Simão Grineo, d'este traduzido em italiano por Ramusio (João Baptista), e do italiano para o portuguez na publicação feita pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, ect.*, tom. II, n.o 3, pag. 111 a 137, dividida em 21 capitulos.

[2] Gaspar Correa. *Lendas da India*, tom. I, pag. 161.

gou para Cochim, onde chegou a 4 de dezembro, e, surtindo-se de mantimentos para a armada n'esse porto amigo, sahiu em direcção ao reino, fundeando no Tejo a 23 de junho de 1501.

As noticias trazidas por Gaspar de Lemos, portador das cartas de mestre João e de Pedro Vaz de Caminha, já haviam produzido em Lisboa grande enthusiasmo; mas na sua entrada Cabral recebeu uma ovação brilhantissima. D. Manuel concedeu-lhe varias mercês, e a 29 de julho de 1501 escreveu aos reis catholicos, participando-lhes o novo descobrimento, dizendo: «a que fôra posto o nome de *Santa Cruz*, terra que lhe era muito necessaria e conveniente á navegação da India, porque alli havia Cabral reparado seus navios e feito aguada».[1]

Haveria em Portugal algum indicio da existencia das terras de Vera Cruz, que justificasse a intenção de D. Manuel mandar secretamente a Cabral que, antes de dobrar o Cabo da Boa Esperança, explorasse a costa a oeste, ou seria o mesmo Cabral que por iniciativa propria o fizesse?

Quaes os motivos porque, sendo a expedição premeditada, ficou em segredo e ainda depois se tornou mysterio?

Respondendo ao primeiro quisito citaremos principalmente um periodo do *Esmeraldo de situ orbis* do famoso Duarte Pacheco Pereira,[2] companheiro de Pedro Alvares Cabral no descobrimento do Brasil, constituindo uma auctoridade de subido valor. Quando trata no capitulo 2.º do liv. 1.º do seu manuscripto da *quantidade e grandeza da terra e da agua, qual desta a maior parte*, diz: «e além do que dito é, a experiencia, que é madre das cousas, nos

---

[1] Antonio Galvão no *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos feitos até á era de 1550, etc.*, referindo-se á armada de D. Francisco d'Almeida, quando partiu para a India em 1505, diz: «e fez seu caminho na volta do Brazil como era costume». Gaspar Correia e outros escriptores não mencionam esta circumstancia.

[2] A quem Camões denominou o Achiles Lusitano, escreveu por 1505 *O Esmeraldo de situs orbis, feito e composto por Duarte Pacheco, cavalleiro da casa d'el-rei D. João II de Portugal, que Deus tem, dirigido ao muito alto e poderoso principe e serenissimo senhor o senhor Rey D. Manuel nosso senhor, o primeiro d'este nome que reynou em Portugal.* Diz Barbosa Machado compor-se este manuscripto de quatro livros; tendo o primeiro 23 capitulos, o segundo 11, o terceiro 9 e o quarto 16. Este precioso monumento das nossas glorias tem-se conservado inedito, até que a commissão portugueza para o centenario do descobrimento da America em Madrid conseguiu fazel-o imprimir na Imprensa Nacional, annotado com a reconhecida competencia do nosso amigo o sr. Raphael Basto. Duarte Pacheco era muito douto em cosmographia e nas sciencias nauticas, foi segunda vez para a India em 1509 com Affonso de Albuquerque, onde sustentou com a maior bravura uma serie de combates que immortalisaram o seu nome, depois foi governador do castello de S. Jorge da Mina, d'onde, dizem, viera preso para Lisboa por intrigas dos seus inimigos.

desenganava, e de toda a duvida nos tira, e portanto bemaventurado Principe, temos sabido, e visto como *no terceiro anno do vosso reinado do anno de Nosso Senhor de mil quatrocentos noventa e oito, donde NOS vossa alteza mandou descobrir a parte occidental, passando alem do grande mar oceano*, onde é achada e navegada uma tão grande terra firme, com muitas grandes ilhas adjacentes a ella, que se estende a setenta graus de ladeza (latitude) da linha equinocial contra o polo arctico, e posto que seja assaz fóra é grandemente povoada, e do mesmo circulo equinocial torna outra vez, e vai além em vinte e oito graus e meio de ladeza contra o polo antarctico, e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura, que de uma parte nem de outra não foi visto nem sabido o fim e cabo d'ella, pelo qual segundo a ordem que leva é certo que vai em circuìto por toda a redondeza, assim temos sabido que das praias e costas do mar d'estes reinos de Portugal, e do promontorio de Finisterrae, e de qualquer outro logar da Europa, e da Africa, e da Asia, atravessando além todo oceano direitamente a occidente ou a oeste, segundo ordem de marinharia, por trinta e seis graus de longura, que serão seiscentas e quarenta e oito leguas de caminho, contando a dezoito leguas por grau, e ha logares algum tanto mais longe, e achada esta terra não navegada pelos navios de vossa alteza, e por vosso mandado e licença os dos vossos vassallos e naturaes. E hindo por esta costa sobredita, do mesmo circulo equinocial em diante, por vinte e oito graus de ladeza contra o polo antarctico é achado n'elle muito e fino brazil, com outras muitas coisas de que os navios n'estes reinos vem grandemente carregados; e primeiro muitos annos que esta costa fosse sabida nem descoberta disse Vicente Istorial, no seu primeiro livro, que se chama — *espelho das historias*, no capitulo cento e setenta e sete — Alem das tres partes do orbe, a quarta parte é alem do mar oceano interior em o meio dia, em cujos termos os antipodas dizem que habitam, ora como assim seja que esta terra d'alem é tão grande, e d'esta parte d'áquem temos Europa, Africa e Asia, manifesto é que o mar oceano é mettido no meio d'estas duas terras». [1]

D'aqui pode tambem inferir-se ser isto escripto por Duarte Pacheco antes da viagem de Pedro Alvares Cabral, e que a tentativa da descoberta do Novo continente já predominava no animo d'el-rei D. Manuel, e se não existe documento mais authentico, é claro que os planos haviam de ser feitos com a maior reserva para não despertar o Leão de Castella.

Além d'isto temos a carta de mestre João, physico-mór, a el-rei D. Manuel, datada de 1 de maio de 1500, onde se lê: «... quanto senor al sytio desta

---

[1] Publicado no *Commercio de Portugal*, em 9, 10 e 11 de julho de 1891, pelo sr. Raphael Basto.

terra mande vosa alteza traer um napamundy que tyene pero vaaz bisagudo, e por ay podra ver vossa alteza el sytyo desta terra, en pero aquel napamundy non certyfica esta terra ser habytada, e no es napamundy antiguo e ally fallara vosa alteza escrita tan byen la myna: ayer casy entendymos por asenhos que esta era ysla e que eran quatro, e que de otra ysla vyenen aqui almadyas a pelear e los levan captyvos».

A citação do mappamundi de Pero Vaz Bisagudo para o rei ver o sitio da terra de novo descoberta, e as correcções que o cosmographo lhe faz, em relação ao que alli viu, constitue uma prova de que em Portugal havia, pelo menos, indicios da existencia de terras a oeste do Cabo da Boa Esperança.

Emquanto ao outro quisito—dos motivos que houve para a expedição ser secreta—é mister procurar a causa nos factos anteriores.

Quando D. João II se persuadiu de que as famosas emprezas maritimas do genovez eram comprehendidas nos seus mares da Guiné, tratou logo de organisar uma poderosa armada que fosse áquellas paragens oppor-se á invasão e sustentar os seus direitos de prioridade, chegando a estar nomeado para a commandar D. Francisco d'Almeida, que depois foi o primeiro vice-rei da India.

Os reis catholicos tiveram noticia d'estes aprestos, e suppondo logo o fim a que se destinavam, escreveram a D. João II para sustar a expedição até mandar verificar que o descobrimento de Colombo nada tinha com os mares da Guiné.

O rei de Portugal annuiu ao alvitre. Nomearam-se embaixadores para tratarem o assumpto, mas Fernando e Isabel e o proprio Colombo continuaram na desconfiança de que os portuguezes pretendiam seguir o mesmo rumo, disputando-lhe novos descobrimentos no oceano Atlantico. Os documentos publicados por Navarrete, existentes nos archivos do duque de Veraguas em Sevilha, e no de Saragosa bem patenteam os seus receios.

Assim, como prevenção, pediram, em 2 de maio de 1493, ao duque de Medina-Sidonia, que tivesse as caravellas, que havia offerecido, promptas para qualquer eventualidade. [1]

Em 12 de junho do mesmo anno os monarchas hespanhoes asseveravam, n'uma carta a Christovam Colombo, as boas intenções de D. João II, que não tinha enviado nem enviaria navios ás terras que elle descobrira no oceano Atlantico. [2]

N'outra carta de 27 de julho, Fernando e Isabel affiançavam ao seu almirante das Indias não haver motivo para desconfiar de que o rei de Portugal

---

[1] *Collecção de los viages e descobrimientos*, doc. n.º 16.

[2] *Ibidem*, doc. n.º 50, original.

faltasse ao que promettera; mas que ainda assim estava tudo prevenido, e no caso de sahir do Tejo alguma armada que seguisse aquelle rumo, dos portos de Hespanha partiria outra com o dobro dos navios para a obrigar a voltar. [1]

Em Lisboa e ao longo da costa a espionagem por conta dos reis de Hespanha era activissima e prolongou-se por muito tempo, renovando-se com maior energia depois do descobrimento da India por Vasco da Gama.

A carta d'el-rei D. Manuel participando aos reis catholicos a descoberta das terras de *Santa Cruz*, é datada de 29 de julho de 1501, e em setembro do mesmo anno foi publicada em Sevilha uma ordenança condemnando nas mais graves penas aos que sem permissão particular tentassem descobertas no mar oceano e nas terras firmes das Indias. [2]

É tambem para notar que do regimento dada por el-rei D. Manuel a Pedro Alvares Cabral falte precisamente o principio e o fim, que talvez, podessem esclarecer todas as duvidas a este respeito. Existe apenas o caderno do centro, e muito bem conservado, que começa na sahida de Angediva, e acaba tratando dos aprestos na volta do Melinde e tem—*Item o capitam seg.º* [3]

Do que deixamos dito pode bem concluir-se:

1.º Não haver tempestades nem correntes que obrigassem a armada de Cabral a seguir o rumo de oeste, pois a darem-se esses casos de força maior não deixariam de ser citados por algum dos quatro escriptores que iam a bordo e foram testemunhas de vista.

2.º Que havia indicio, ou mesmo mais de que indicio d'essa terra, como mui claramente o menciona Duarte Pacheco no *Esmeraldo de situ orbis*, e mestre João na sua carta a el-rei D. Manuel; accrescendo que nenhum dos dois outros escriptores Pero Vaz de Caminha e o piloto, na narrativa sobre o descobrimento, diz ser por *acaso*.

3.º Que a razão da missão ter sido secreta justifica-se pelo receio de despertar as susceptibilidades de Castella, e como melhor pretexto para se levar a effeito a tentativa, aproveitou-se a viagem de Cabral á India.

....

Pedro Alvares Cabral, 3.º filho de Fernão Cabral e de sua mulher D. Isabel de Gouveia, teve em 4 da abril de 1502 duas mercês de tença annual, uma de 30.000 reaes, e outra de 13.000 reaes. [4]

---

[1] *Collecção de los viages e descobrimientos*, doc. n.º 54.

[2] *Ibidem*, tom. II, pag. 257.

[3] Arch. Nac. da Torre do Tombo, maç. 1 das *leis sem data*, n.º 21. Foi publicado nos *Annaes maritimos e coloniaes*, tom. v, pag. 208 da parte não official.

[4] Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Corpo chron.* p. 2.ª, maç. 6, n.º 3 e 4.

Foi casado com D. Isabel de Castro[1] e falleceu antes de 8 de julho de 1534, combinando a inscripção sepulcral com a data da carta, que nomeia sua mulher camareira-mór da infanta D. Maria, onde o diz já fallecido.[2]

Pedro Alvares Cabral foi sepultado na capella de S. João Baptista, no cruzeiro da egreja da Graça de Santarem, convento que pertenceu á ordem dos eremitas de Santo Agostinho. A sepultura é rasa e coberta por uma grande campa, onde tem inscripto em caracteres gothicos:

AQVY IAZ PEDR'ALVAREZ CABRAL, E DONA IZA
BEL DE CASTRO SVA MOLHER CVIA HÉ CAPELLA HE
DE TODOS SEOS ERDEIROS A QVALL DEPOIS DA
MORTE DE SEV MARIDO FOY CAMAREIRA MOR
DA INFANTA DONA MARYA FYLHA DELREY DÕ
IOÃO NOSO SENÕR HO TERCEIRO DESTE NOME.[3]

....

Nos ultimos annos do seculo xv, gosava grande fama como cosmographo

---

[1] Tiveram Fernão Alvares Cabral, commendador do Banho, da ordem de Christo, que partiu para a India a 23 de março de 1553 na nau S. Bento, capitaneando uma armada de quatro navios, e o d'elle se perdeu com toda a guarnição, na costa do Natal a 23 de abril de 1554. Foi casado com D. Margarida de Castro, da qual teve uma filha, D. Leonor de Castro, que casou com D. Jeronymo de Castro, senhor do Paul de Boquilobo, etc. Não tiveram descendencia. *Hist. gen.*, tom. xi, pag. 922 e *Annaes de D. João III* por Fr. Luiz de Sousa, pag. 449.

[2] «Dom Joham etc. Faço saber a vos Dom Johan da Silva, conde de Portalegre, mordomo mor da casa da rainha minha sobre todas muito amada e presada mulher, que havendo eu respeito aos merecimentos de D. Isabel de Castro, mulher que foi de Pedro Alvares Cabral, e as calidades de sua pessoa, e confiando d'ella que no officio de Camareira mor da infanta D. Maria, minha muito amada e presada filha, servirá bem e fielmente como no tal cargo se requer, hei por bem fazer-lhe mercê do dito officio de sua camareira mór, com o qual haverá daqui em diante 27.000 reaes de ordenado por anno, e sua ração ordenada, como sempre houveram as camareiras móres das infantas. Por esta mando a D. Rodrigo do meu conselho e vedor da minha fazenda, que lhe mande assentar o dito ordenado e o que montar na dita ração, nos livros d'ella no titulo dos ordenados, para em cada anno lhe ser pago á custa de minha fazenda em logar que haja bom pagamento. Dada nesta cidade de Evora a 8 de julho, Ayres Tavares a fez em 1534». Arch. Nac. da Torre do Tombo, *liv. 7 de D. João III*, fl. 200.

[3] Em 1881 por iniciativa do sr. capitão de artilheria Zeferino Brandão, houve o patriotico pensamento de levantar n'aquella cidade um monumento ao heroe descobridor do

e mathematico Americo Vespucio,[1] que se offerecera á Hespanha para continuar os descobrimentos no Novo Mundo. Havia já feito duas viagens, mostrando ser imminente navegador, e por seus serviços adquirira o valimento de Fernando e Isabel.

D. Manuel ancioso por demarcar e explorar as terras de Santa Cruz, tentou attrahil-o com instancias e promessas de grandes lucros, conseguindo por fim que acceitasse a empresa.

Americo Vespucio começou o serviço em Portugal, indo como cosmographo n'uma pequena frota de tres navios, que sahiram do Tejo em 10 de maio de 1501. Nas alturas de Cabo Verde encontrou-se com a armada de Pedro Alvares Cabral, com quem communicou, e é muito provavel que este fornecesse algumas instrucções ao florentino. Esta viagem foi bastante tormentosa mas lograram marcar alguns pontos da costa e arvoraram padrões com as armas de Portugal.[2] Na serra Leôa queimaram uma das embarcações por incapaz de navegar, e voltaram ao reino, onde chegaram depois de dezoito mezes e vinte e oito dias de viagem.

Brasil, e como preliminar nomeou-se uma commissão para proceder em 6 de agosto de 1882 á abertura do jazigo, o que se fez, verificando-se existirem alli ossos bem conservados, pertencentes a tres esqueletos, envolvidos em graude porção de cal. Feito o exame e declarações de que estes restos mortaes pertenciam a Pedro Alvares Cabral e a duas pessoas de sua familia, sem se poder bem determinar quaes eram os do grande navegador, lavrou-se o respectivo auto em duplicado, ficando um exemplar no archivo da camara municipal d'aquella cidade e sendo outro remettido para o da Torre do Tombo. No reverso da pedra sepulcral fizeram gravar:

6 DE AGOSTO DE 1882. ESTÃO AQUI OS OSSOS DE
P. A. CABRAL. VIDE AUTO NA TORRE DO TOMBO
E CAMARA MUNICIPAL DE SANTAREM.

[1] Americo Vespucio, filho de Anastacio Vespucio e de Isabel Mini, nasceu em Florença a 9 de março de 1451. Tendo concluido os seus estudos mathematicos, partiu para a Hespanha seduzido pelos novos descobrimentos, que promettiam grandes lucros commerciaes, profissão que elle havia escolhido, e chegando a Sevilha no tempo em que muito se falava na gloria adquirida por Christovam Colombo, grandezas e mercês que havia recebido pelos seus immorredoiros feitos, se offereceu logo aos reis Catholicos para emprehender outras explorações no Novo Continente.

[2] Os padrões que os portuguezes collocaram nas suas possessões ultramarinas, nos primeiros annos do seculo XVI, eram, de ordinario, de marmore branco com quatro palmos de alto, dois de largo e um de espessura, tendo gravado o escudo com as quinas sobrepostas na Cruz da ordem de Christo. O Instituto historico e geographico do Brasil, possue um

Pouco tempo depois, para continuar as explorações nas Terras de Santa Cruz, apparelharam-se seis naus, capitaneadas por Fernão de Noronha, levando como cosmographo Americo Vespucio. A armada sahiu do Tejo a 10 de maio de 1503, e na derrota, que muito concisamente descreve o mesmo cosmographo, na sua 4.ª carta, vem mencionado o desastre da perda de quatro naus e suas guarnições, suppondo entrar n'este numero a do capitão-mór, que, sem o nomear, alcunha de soberbo e louco. Das quatro embarcações dadas por Americo como naufragadas apenas duas se perderam, logrando Fernão de Noronha descobrir em agosto do dito anno, a 50 legoas além da terra de Santa Cruz, a ilha de S. João, conhecida depois com o nome do descobridor.[1]

No archivo nacional da Torre do Tombo existe uma carta regia de D. Manuel, datada de 16 de janeiro de 1504, promettendo a Fernão de Noronha, no caso de se chegar a povoar aquella ilha, dar-lhe a respectiva capitania em sua vida e na de um filho varão lidimo mais velho, que ficasse por sua morte, e quando se désse o caso de estar povoada lhe passaria a carta com os dirietos e jurisdicções com que havia de possuir a capitania.[2]

A 24 de janeiro do mesmo anno foi-lhe feita a doação da ilha de S. João, ficando obrigado Fernão de Noronha a pagar tributo de quarto e dizimo, sendo estas duas cartas confirmadas por D. João III, em 3 de março de 1522.[3]

Estes documentos provam que Fernão de Noronha, se era o capitão-mór na segunda viagem, que Americo fez por ordem do rei de Portugal, não foi victima do naufragio, e na sua chegada a Lisboa antecedeu o florentino pelo menos seis mezes. Custa a acreditar que tendo Vespucio entrado a barra do Tejo em 18 de junho de 1504, e escrevendo a Pedro Solderini em 4 de se-

---

d'estes marcos, que estava collocado na entrada da barra de Cananéa, do lado do continente. N'este ponto foi, segundo as melhores conjecturas, o ultimo da costa do sul em que tocou a frota exploradora em 1501, capitaneada por André Gonçalves, levando como piloto cosmographo o celebre Americo Vespucio.

[1] Varnhagen—*Diario da navegação de Pero Lopes de Souza*—Lisboa 1839, pag. 70 a 77 notas.

[2] *Liv.* 37 *de D. João III,* fl. 152.

[3] Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv.* 37 *de D. João III,* fl. 152 v. D. Sebastião tambem confirmou em 20 de maio de 1559, a doação em Fernão de Noronha, filho de Diogo de Noronha e neto de Fernão de Noronha, da ilha de S. João, que dista sessenta legoas ao mar do Cabo de S. Roque da terra do Brasil. (Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv.* 9 *de D. Sebastião,* fl. 272 v). D. Pedro II em outra carta de 8 de janeiro de 1693, ainda confirmou a doação da dita ilha por successão a João Pereira Pestana, filho de outro do mesmo nome, e neto de Fernão Pereira Pestana de Noronha, donatario que foi da ilha de S. João (Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv.* 3 *de D. Pedro II,* fl. 100). A ilha tem tres legoas de comprido, é muito montanhosa, de formação vulcanica e com abundancia de

tembro do mesmo anno, não dissesse haver encontrado o capitão-mór, quando especificou as deligencias empregadas na viagem para o achar! Preferimos antes seguir Pedro de Mariz e outros historiadores, que dão a capitania d'esta segunda viagem a Gonçalo Coelho,[1] indo na primeira Fernão de Noronha. Assim, teriamos a descoberta da ilha a 24 de junho, pelo que lhe seria posto o nome de S. João, e bem justificadas as datas das duas cartas regias. Na primeira viagem de Vespucio já passaram pelos Cabos de S. Roque e Santo Agostinho, e é possivel que então se encontrasse a ilha de S. João, ficando o commandante, como era costume, com as honras do descobrimento.[2]

Americo Vespucio descobriu em 1 de novembro de 1502 a enseada e porto da Bahia, que em consideração ao dia recebeu o nome de Bahia de Todos os Santos.[3] Ahi esperou debalde dois mezes pelas quatro naus que d'elle se haviam apartado, e por fim resolveu-se a seguir a costa até Cabo Frio (?), onde fizeram carregação de pau brasil, gastando quatro mezes em levantar uma fortaleza, que deixaram guarnecida por vinte e quatro homens da tripulação, bem armados e bem fornecidos de mantimentos,

Foi este o primeiro estabelecimento que os portuguezes tiveram na America.

---

agua potavel. Os primeiros possuidores apenas gosaram as honras do titulo, renovando sempre os successores as cartas de confirmação. Os hollandezes quando a occuparam romperam algumas terras e depois de serem obrigados a entregal-a ficou despovoada passando a ser propriedade da corôa. No seculo XVIII foi tomada por uns colonos extrangeiros, e de Portugal partiu, a 7 de setembro de 1738, uma armada commandada pelo capitão de mar e guerra D. Manuel Henriques, para expulsar os intrusos, o que se fez sem resistencia. Uma companhia de infanteria guarneceu a ilha, emquanto de Pernambuco não foram providencias, e a 6 de junho de 1739 a esquadra levantou ferro, navegando em direcção á Bahia, conduzindo uns vinte individuos, na maior parte francezes, que alli encontrara no cultivo das terras. *(Hist. Gen.*, tom. VIII, pag. 243).

[1] No Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv.* 28 *de Manuel*, fl. 63, vem Gonçalo Coelho, fidalgo, com a mercê de um padrão de 18:000 reaes, concedido, em carta regia datada de Carnide a 25 de maio de 1472, por D. Affonso V pelos seus serviços. Mercê depois confirmada por el-rei D. Manuel em 12 de fevereiro de 1498.— D. João II em carta datada de Beja em 20 de julho de 1480 despachou-o com outro padrão de 1:500 reaes brancos, carta que tambem foi confirmada por D. Manuel em Evora a 20 de setembro de 1496 (Ibid. fl. 78 v).

[2] Vide nas *Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, publicadas pela Academia Real das Sciencias, tom. II, n.º 4 as duas *Cartas de Americo Vespucio*, de pag. 141 a 158.

[3] Brito Freire na sua *Historia Brasilica*, diz que a descoberta da Bahia de Todos os Santos fôra feita por Christovam Jacques.

As duas naus com Vespucio voltaram para a Europa, entrando o Tejo a 18 de junho de 1504.

Ignoram-se os motivos que teve o florentino para abandonar a côrte de D. Manuel e voltar para o serviço de Hespanha, onde já se achava em 1507, sendo depois agraciado com varias mercês e o cargo de piloto-mór. Falleceu em Sevilha a 22 de fevereiro de 1512.

A fama adquirida pelas suas quatro viagens, foi essencialmente devida ás cartas escriptas ao seu antigo condiscipulo, o gonfaloneiro Soderini,[1] sendo as duas primeiras impressas em latim em 1503, e as outras duas em italiano, que dizem mais respeito ao Brasil. Dois annos depois as cartas foram reproduzidas em varias edições, e traduzidas em differentes linguas europeias. Em virtude do seu cargo em Hespanha era Vespucio quem construia as cartas de navegar, que os pilotos levavam para o Novo Continente.

São varias as tradições, ou as lendas, com que alguns teem pretendido reivindicar para os seus a prioridade da descoberta do Brasil.

Os jesuitas e alguns escriptores pretendem que S. Thomé peregrinou pelas terras do Brasil, appoiando-se na tradição conservada entre os indios dos seus estupendo milagres... e, apesar do esteio ser fragil, Rocha Pitta acreditou n'esta lenda monastica. A propaganda, que mirava a certos fins, foi combatida por escriptores conscienciosos, e o proprio Urbano VIII tambem lhe não foi favoravel.

Em 1488, dizem, alguns armadores de Dieppe confiaram um navio a João Cousin, insinuado pelo professor de pilotagem o padre Descaliers, para tentar o descobrimento das decantadas Indias Orientaes. Cousin afastando-se das costas, para evitar os baixos e recifes, ao chegar ás alturas dos Açores as correntes levaram-no a uma região desconhecida na embocadura de um rio. Tomou posse...(?) não tendo padrão nem gente para alli deixar, voltou para bordo, e seguindo o rumo de sueste, avistou o Cabo das Agulhas, e navegando para o norte, sempre á vista da costa do Congo e da Guiné, regressou á França no anno seguinte. Este descobrimento não está authenticado e vem

---

[1] Além das quatro cartas conhecidas de Americo, existe uma outra, considerada tambem authentica, com a narrativa da terceira viagem, dirigida para Paris a Lourenzo di Pier. Appareceram outras no fim do seculo XVI, reconhecidas como falsas no intuito de miseravel especulação. Francisco Adolpho de Varnhagen (visconde de Porto Seguro), publicou em 1865—*Americo Vespucci son caractère, ses écrits (même les moins authentiques), sa vie, et ses navigations. Avec une carte indiquant les routes.*—Tem 129 paginas além da carta das derrotas. Escreveu tambem o mesmo auctor: *Nouvelles Recherches sur les derniers voyages etc. de Vespuce.* Vienne, 1870.

apenas mencionado nas *Memorias chronologicas para servir á historia de Diéppe e da navegação franceza.*[1]

Dizem mais que o immediato de Cousin fôra o castelhano Alonso Pinzon, tendo este durante a viagem comportamento tão desleal que o tribunal maritimo de Diéppe o condemnou a não poder ser mais empregado no serviço da cidade. Pinzon partiu para Hespanha onde, annos depois, Colombo o encarregou do commando de um dos navios da sua primeira expedição, nomeando-o seu immediato, mas a desmedida ambição de adquirir gloria o levou a adiantar-se do capitão-mór, e suppondo-o perdido, apresentou-se como principal descobridor do novo continente. A chegada, depois, de Colombo desmascarou o impostor e acarretou-lhe o desprezo geral. Falleceu em Palos.

Os hespanhoes tambem tiveram pretenções á prioridade da descoberta das terras de Santa Cruz, pois os seus compatriotas Vicente Yanez Pinzon, sobrinho de Alonso Pinzon, e Diogo de Lepe emprehenderam em 1499 uma expedição ás Indias Occidentaes pelo rumo de Cousin, avistando em janeiro de 1500 o Cabo da Consolação, depois chamado de Santo Agostinho e hoje conhecido como Ponta de Mocuripe, e exploraram a embocadura do Amasonas, até onde se diz ter chegado o navegador Diéppense.[2] O facto é que não deixaram vestigios da sua passagem por aquelles logares.

Existe outra tradição de terem alguns portuguezes desembarcado no Brasil antes de Cabral, apresentando-se como prova a copia authentica do testamento de João Ramalho, escripto nas notas da villa de S. Paulo, pelo tabelião, Lourenço Vaz, em 3 de maio de 1580, onde o testador por duas vezes repetiu, diante de cinco testemunhas, que tinha alguns noventa annos de assistencia n'esta terra, sem que lhe fosse contestado, e, sendo verdade, havia aportado ás terras de Santa Cruz por 1490. Os portuguezes occuparam a capitania de S. Vicente, no dia do Santo d'este nome a 22 de janeiro de 1532.[3] Alguns

---

[1] Impressa em Paris em 1785.

[2] Os reis catholicos achando-se em Granada passaram uma carta nomeando Vicente Yanez Pinzon capitão de uma expedição para ir tomar posse das terras indicadas, as quaes ficaria governando com grandes regalias e privilegios. A carta tem a data de 5 de setembro de 1501 (transcripta de copia authenticada na *Rev. trim.* do Inst. hist. brasileiro, tom. XXII, pag. 445.

[3] *Noticia dos annos em que se descobriu o Brazil, e das entradas das religiões e suas fundações,* etc. Pelo Rev. Padre mestre dr. Fr. Gaspar da Madre Deus — que diz haver copiado as noticias de um manuscripto do archivo do mosteiro de S. Bento da cidade de S. Paulo; offerecido ao Instituto historico brasileiro pelo socio correspondente o dr. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel (*Revista trimensal* do Inst. hist. e geogr. do Brasil, tom. II, pag. 427). Fr. Gaspar nasceu em Santos em 1730 e falleceu por 1800.

escriptores attribuem a arribada aquellas paragens de João Ramalho e Antonio Rodrigues, de quem tambem dão noticia, a alguma embarcação que alli fosse dar á costa, das muitas que se perderam sem se saber o fim que levaram.

Varnhagen diz ter visto em 1840, no archivo municipal da cidade de S. Paulo varios cadernos, pertencentes aos annos de 1555 a 1558, onde estava o signal de João Ramalho, que não sabia escrever, representando um risco em semi-circulo, aberto á esquerda onde está o nome de João e a seguir o appelido. Era, dizem os ditos livros das vereações da extincta villa de S. Thomé, capitão, alcaide mór do campo e chegou a ser vereador.

Tem-se lamentado a desconsideração feita a Colombo, por se não haver dado o seu nome ao continente que descobriu, preferindo-lhe o de *America*, em honra de outro navegador Americo Vespucio.

O facto parece representar certa ingratidão, e só se poderá explicar pela importancia que deram, no começo do seculo XVI, ás noticias e cartas publicadas pelo dito Vespucio, e onde declara *ter sido o primeiro descobridor da terra firme do Novo Continente, emquanto Colombo só o fôra das Ilhas.* Tanto as cartas como as relações das viagens foram traduzidas em diversas linguas e reproduzidas por toda a Europa em varias edições.

Seria a propaganda da imprensa, exaltando o merito e serviços nauticos do florentino, que deu causa a chamar-se *America* aquella parte do mundo?

Mathias Ringmann, grande admirador de Vespucio, professor de latim em Saint-Die, teve grande influencia na publicação da *Cosmographiæ introductio et Globus Mundi* de Martim Waltzamuller,[1] onde se diz: *Et alia quarta pars per Americum Vesputium (ut in sequentibus audietur) inventa est quam non video cur quis iuve vedet ab Americo inuentore sagacis ingenii viro Amerigen quasi Americi terram, siue Americam dicendam: cum et Europa et Asia a muleribus sua sortita sint nomina.*

Outras nações acceitaram esta denominação com a auctoridade de varios sabios como João Schoner, P. Benewitz (Apianus)[2] Joaquim de Watt (Wadianus), Pedro Margalho[3] e outros.

---

[1] 1507 e 1509, foi depois traduzida do latim em allemão. Vide *Rev. trim.* do inst. hist. bras., tom. XXXV, parte 2.ª pag. 171 a 202 e tom. XLI, parte 1.ª pag. 19.

[2] Publicou um mappa que se julga ter sido o primeiro que designa por *America* a quarta parte do mundo.

[3] Pedro Margalho, portuguez, natural de Elvas, foi lente da Universidade de Salamanca, e depois da de Coimbra. Escreveu em 1520—*Physice Compendium.* Falleceu em 1556. Era doctor em Theologia pela Universidade Paris, e em direito canonico pela de Salamanca. Voltou para Portugal a pedido de D. João III e exerceu varios cargos importantes.

Alguns escriptores teem dado diversas etymologias ao nome de America sendo das mais engenhosas a de Julio Marcou, que diz ser termo propriamente americano, significando *terras altas* ou cadeias de montanhas. Entre Juigalpa e Libertad, provincia de Chontales, existem umas cordilheiras auriferas, que se prolongam de um lado até ao paiz dos indios Carcas, e do outro ao dos indios Ramas da America central, onde habita uma tribu de indios vermelhos chamados *Americos*. Assevera o sabio escriptor que essa mesma denominação se dá em geral ás cordilheiras e aos rochedos, e que *Amerique* ou *Americ* é nome indigena, cuja terminação em *ique* ou *ic* é commum nos nomes de logares na lingua indio-leucá ou Chontales, não só da America central como de uma parte do Mexico. Esta denominação tem-se conservado sem alteração n'essa parte do continente, devido ao completo isolamento em que vivem aquelles indios.

Christovam Colombo visitou a tribu dos americos em 1502, mas na carta que escreveu aos reis catholicos não designou esta localidade nem outras em que abundavam as minas de ouro, provando que elle não disse tudo que sabia, e n'essa occasião ao narrar os acontecimentos da sua quarta viagem achava-se enfermo do corpo e bastante torturado do espirito.

É provavel que na volta á Europa elle e seus companheiros falassem d'essas montanhas do oiro, sonho querido dos que foram, e dos que ficaram, citando-se então o nome de *Amerique* ou *Americ*, e se vulgarisasse como o *El-dorado* de modo a ficar assim conhecido o Novo Continente.

O mesmo escriptor fez notar que o verdadeiro nome do Vespucio que esteve ao serviço de Portugal era *Amerrigo*, e que o nome de *Americo*, *Americus* e *Amerrigo* figurou nos multiplices kalendarios de santos, concluindo que o nome de *America* foi tirado mesmo do Novo Continente.[1]

O fac-simile da sua assignatura é o seguinte:

Terminaremos dizendo algumas das origens que se tem attribuido á pa-

---

[1] Vid. *Rev. trim.* do Inst. hist. e geogr. bras., tom. xxxix, p. 2.ª, pag. 191 a 210.

lavra *Brasil*, que não foi inventada para designar a parte da America descoberta pelos portuguezes.

A origem do nome tem sido procurada em quantos vocabulos tem com elle semelhança. Como mera curiosidade os citamos, assim: *Brasiller*, do francez ardencia do mar; *Brachile*, cinto com que os monges apertavam os habitos; *Brachiale* os braceletes, por serem alguns encarnados; *Brachium* do latim, braço; *Braza* dos portuguezes, etc.

Alguns sabios querem fazer derivar a palavra brasil do sanscripto, imitação do adjectivo Bradschita, que significa lusente e brilhante, por ser a côr que se extrahe do pau brasil a que gosa de taes propriedades. Sendo o termo asiatico, da lingua que alli mais se falava, e d'onde primeiro veiu para a Europa o pau brasil, não deixa de ter esta origem uma certa probabilidade.

O conhecimento do pau brasil parece remontar ao seculo IX pelos itinerarios dos arabes El-Hacen e Abuzie, publicados por Renandot nas *Antigas relações com as Indias*, e onde se designa com o nome persa *Bakham*, que elle traduziu em latim *Bresilium*. O pau brasil é muito parecido nas qualidades com uma planta de Sumatra, d'onde se extrahe tambem tinta da mesma côr.

Tanto esta droga como o pau brasil eram importados para a Europa pelos arabes, vindo do oriente pelo mar vermelho, e por terra atravessando o Egypto. O pau brasil tinha grande consumo servindo principalmente para tingir de encarnado as lãs, algodões e sedas.

Diz Muratori que nas alfandegas de Ferrara, em 1193, e nas de Modena, em 1316, apparecem noticias da droga para tingir os tecidos de encarnado, chamada na Italia *Brezil, Brecillis, Bracire, Brasilly, Brazilis* e *Brazili*.

Capmany com os documentos que publicou, relativos ao commercio dos catalães, prova que o pau brasil começou a ser importado em Hespanha nos annos 1221 a 1243.

Pizigano foi o primeiro Europeu que, em 1367, desenhou um mappa, que se conserva em Parma, com uma ilha no meio do mar Atlantico denominada *Bracir*. Alguns roteiros do seculo XIV mencionam tres ilhas com o nome de *Bracir* ou *Brazir*, situadas entre o Cabo de S. Vicente e a Irlanda, o que denuncia haver algumas suspeitas da existencia de terras ao oeste da Europa.

O dr. Ricardo Gumbleton Daunt lembra[1] a antiga crença irlandeza, anterior á descoberta da America, de que mais ao poente havia uma terra, outr'ora unida ou pelo menos muito proxima ao mundo então conhecido, a que davam o nome de *Hy-Brazail*, e diz que na Irlanda era tambem nome de familia.

---

[1] *Rev. trim.* do Inst. hist. braz., tom. XLVII, pag. 119.

Sobre esta crença havia immensas lendas e tradições de belleza romantica, que o genio poetico irlandez tem conservado atravez de tantos seculos.

Marsden pensou que todo o pau brasil, em que muito se commerciava na idade média, era a *caesalpina sapan* da costa Malaia, de que hoje se conhecem mais duas variedades *echinata* e *brasileta*. Os arabes por esse tempo importavam na Europa varias especies de madeiras de que se extrahia tinta encarnada, dando-lhe indistinctamente o nome de bakham, e entre ellas abundava o *pterocarpus santalimus*.

A palavra *Brazil* já era usada muitos annos antes de Colombo fazer o descobrimento da America. Pedro Martir na primeira decada, escripta nos ultimos seis annos do seculo XVI, ao narrar a primeira viagem do genovez, diz: que a ilha Hespaniola, hoje Haiti, estava coberta de espessos bosques, sendo quasi todas as arvores de brasil, que os italianos desde Marco Paulo chamavam *verizino*. O mesmo auctor acrescenta: haver Bartholomeu Colombo mandado cortar nas montanhas de Cibana grande numero de arvores de brasil, que foram conservadas em cabanas até serem transportadas para a Europa. Na quarta decada diz que: «recentemente tinha chegado das Indias occidentaes madeira de *coecus*, que servia para tingir lan, á qual os italianos chamavam *verisin* e os hespanhoes *brazil*.

Fernando Colombo conta, na vida de seu pae, que sabendo-se em Hespanha da descoberta da terra de Pariá, para alli partira Alonso Ojeda com Amerrigo Vespucio, e que no regresso entraram em Hispaniola, no porto chamado Brasil pelos Europeus e Yaquimo pelos indigenas.

Pietro Coppo de Isola, no seu Portulano de 1528, diz que Christovam Colombo, antes de descobrir as costas da America, estivera nas ilhas Ventura, Colombo e Brasil.

Nos mappas de Orontius e de Munster vem indicada uma ilha com o nome de *Bracil* ou *Brazil*, nos mares Atlanticos, com a designação *Insula Athlantica quam vocant Brazilii et American*.

Mestre João, Pero Vaz de Caminha e Amerrigo Vespucio não tiveram noticia d'estes mappas, pois se os conhecessem não deixariam de os mencionar nas cartas que escreveram sobre a descoberta de Cabral.

Os nossos historiadores do seculo XVI, tidos como mais authenticos, assim como Caminha, dizem ter sido Cabral que poz á terra que descobriu o nome de *Ilha de Vera Cruz*, e que como signal de posse levantara alli um padrão de madeira, representando o symbolo do crucificado. Pouco depois nos proprios documentos officiaes foi chamada *Terra de Santa Cruz;* e mais tarde os chronistas escreviam promiscuamente *Terra de Santa Cruz* ou *Brazil*. Esta ultima denominação é que prevaleceu. O primeiro documento official em que apparece assim indicada é o alvará datado de Castro Verde em 20 de dezembro

de 1530, onde se diz que: «*eu envio ora a martim afonso de sousa do meu conselho por capitam mor darmada que envyo a terra do brasill, e asy de todas as terras que ele dito martim afonso na dita terra achar e descobrir*». [1]

Muitas são as etymologias que se teem dado á palavra *Brasil,* discussão que não devemos profundar; mas o que parece fóra de duvida é, como já dissemos, ser este nome, conhecido muito antes da descoberta da America, dado a uma droga, d'onde se extrahia a tinta vermelha, e da grande abundancia que d'ella se encontrou nas *Terras de Santa Cruz* nascer a substituição d'este nome pelo de Brasil a essa parte da America. [2]

---

[1] Arch. Nac. da Torre do Tombo, *liv. 41 de D. João III,* fl. 105.

[2] Este assumpto foi bem tratado n'um discurso do sr. José Silvestre Rebello na *Rev. trim.* do Inst. hist. e geogr. bras., tom. I, pag. 298 a 305 e tom. II, pag. 622.



Señor

El bachjller mestre Johan fisyco e çurugyano de vuestra alteza beso vuestras reales
manos / Señor porque de todo lo aca pasado largamente escriujeron a vuestra
alteza asy Ayres Correa commo todos los otros / solamente escriujre dos puntos
Señor ayer segunda feria que fueron 27 de abril desçendimos en tierra
yo e el pyloto del capitan moor e el pyloto de Sancho de Tovar e tomamos
el altura del sol al medio dia e fallamos · 56 · grados e la sonbra
era septentrional por lo qual segund las reglas del estrolabio jusgamos
ser afastados de la equinoçial por · 17 · grados / e por consyguiente tener el
altura del polo antartico en · 17 · grados / segund que es manifiesto en la
esphera e esto es quanto a lo uno / por lo qual sabra vuestra alteza que todos los pylotos
van adelante de my en tanto que Pero Escolar va adelante · 150 · leguas e otros mas
e otros menos / pero quien dise la verdad no se puede çertificar fasta que en
boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas
çierto ellos con la carta o yo con la carta e con el estrolabio / quanto señor al sytio
desta tierra mande vuestra alteza traer un mapamundi que tyene Pero Vaz Bisagudo
e por ay podra ver vuestra alteza el sytio desta tierra / en pero aquel mapamundi
no çertyfica esta tierra ser habytada o no / es mapamundi antiguo e ally fallara
vuestra alteza escrita tan byen la myna / ayer casy entendimos por aseños que esta
era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadias a pelear con
ellos e los lleuan catyvos / quanto señor al otro punto sabra vuestra alteza que
açerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podido pero non mucho a cabsa
de una pyerna que tengo muy mala que de una coçadura se me ha fecho una
chaga mayor que la palma de la mano / e tan byen a cabsa de este navio ser mucho
pequeño e muy cargado que no ay lugar para cosa ninguna solamente mando a vuestra
alteza commo estan situadas las estrellas del sul pero en que grado esta cada una no
lo he podido saber / antes me paresçe ser imposyble en la mar tomarse altura de
ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el navio enbalançe
se yerran quatro o çinco grados / de guisa que no se puede fazer syno en tierra

e otro tanto aseguro digo de las tablas de la Jndia que se no pueden tomar
con ellas sy no con muy mucho trabajo que sy vuestra alteza supyese como
desconcertavan todos en las pulgadas reyrya de ello mas que del astrolabyo por
que desde lysboa ate las canarias unos de otros desconcertavan en muchas pul
gadas que unos dezyan mas que otros tres e quatro pulgadas e otro tanto
desde las canarias ate las yslas de cabo verde e esto resguardando todos
que el tomar fuese a una mysma ora de guysa que mas juzgavan quantas pulgadas
eran por la quantydad del camyno que les parescya que avyan andado que no el camyno
por las pulgadas tornando señor al proposyto estas guardas nunca se escon
den antes syenpre andan en derredor sobre el orizonte e aun
esto dudoso que no se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo an
tartyco e estas estrellas prencypal
mente las de la cruz son grandes
casy como las del carro e la estrella
del polo antartyco o sul es pe
queña como la del norte e muy
clara e la estrella que esta encyma de toda la cruz es mucho pequeña no quiero
mas alargar por no ynportunar a vuestra alteza salvo que quedo rogando a nuestro
señor Jhesu Christo la vyda e estado de vuestra alteza acresciente como vuestra alteza
desea fecha en vera cruz a primero de mayo de 500 para la mar mejor es regyrse
por el altura del sol que no por nynguna estrella e mejor con astrolabyo que no con
quadrante nyn con otro nyngund ynstrumento

las guardas

la bocyna

el polo antartyco



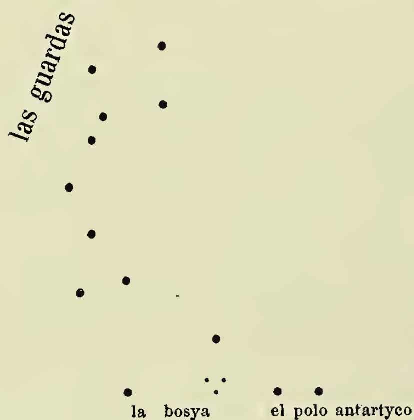
DOCUMENTO N.° 1

CARTA DE MESTRE JOÃO

1 de maio de 1500

Señor — O bacherel mestre Johan fisico e çerurgyano de vosa alteza beso vosas reales manos. Señor porque de todo lo aca pasado largamente escriuieron a vosa alteza asy arias correa como todos los otros, solamente escreuire dos puntos Señor ayer segunda feria que fueron 27 de abril desçendimos en terra yo e el pyloto do capitan moor e el pyloto de Sancho de touar e tomamos el altura del sol al medio dia e fallamos 56 grados e la sonbra era septentrional por lo qual segund las reglas del estrolabio jusgamos ser afastados de la equinoçial por 17 grados, e por consyguiente tener el altura del polo antartico en 17 grados, segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno, por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adiante de mi en tanto que pero escolar va adiante 150 leguas e otros mas e otros menos: pero quien dise la verdad non se puede çertyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas çierto ellos con la carta, o yo con la carta e con el estrolabio: quanto Señor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un napamundi que tyene pero vaaz bisagudo e por ay podra ver vosa alteza el sytyo desta terra, en pero aquel napamundi non çertyfica esta terra ser habytada, o no: es napamundi antiguo e

ally fallara vosa alteza escrita tan byen la mina: ayer casy entendimos per aseños que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vycnen aqui almadias a pelear con ellos e los lleuan catiuos: quanto Señor al otro puncto sabra vosa alteza que çerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podido pero non mucho a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano, e tan byen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar pera cosa ninguna solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podido saber, antes me paresçe ser inposible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el nauio enbalançe se yerran quatro, o çinco grados, de guisa que se non puede fazer synon en terra, e otro tanto casy digo de las tablas de la India que se non pueden tomar con ellas sy non con mui mucho trabajo, que si vosa alteza supyese como desconçertauan todos en las pulgadas reyrya dello mas que del estrolabio porque desde lisboa ate as canarias unos de otros desconçertauan en muchas pulgadas que unos desian mas que otros tres e quatro pulgadas, e otro tanto desde las canarias ate as yslas de cabo verde, e esto resguardando todos que el tomar fuese a una misma ora, de guisa que mas jusgauan quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les paresçia que avyan andado que non el camino por las pulgadas: tornando Señor al proposito estas guardas nunca se esconden antes syenpre andan en deredor sobre el orizonte, e aun esto dudoso que non se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco, e estas estrellas prinçipalmente las de la crus son grandes casy como las del carro, e la estrella del polo antartyco, o sul es pequena como la del norte e muy clara, e la estrella que esta en riba de toda la crus es mucho pequena: non quiero mas alargar por non ynportunar a vosa alteza, saluo que quedo rogando a noso Señor ihesu christo la la vyda e estado de vosa alteza acresçiente como vosa alteza desea. Fecha en uera crus a primero de maio de 500. pera la mar



mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor con estrolabio que non con quadrante nin con otro ningud estrumento. do criado de vosa alteza e voso leal servidor

Johannes
artium et medicine bachalarius (?).[1]

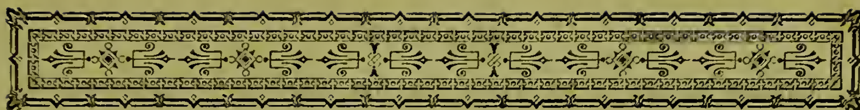
[1] Arch. nac. da Torre do Tombo, Corpo chron. part. 3.ª, maç. 2, doc. n.º 2.



Senhor

posto queo capitam moor desta vossa frota e asy os
outros capitaães screpuam a vossa alteza a noua do acha
mento desta vossa terra noua que se ora neesta naue
gaçam achou. nom leixarey tambem de dar disso
minha conta a vossa alteza asy como eu milhor
poder ajnda que pera o bem contar e falar o saiba
pior que todos fazer. pero tome vossa alteza minha
jnorancia por boa vontade. aqual bem certo crea q
por afremosentar nem afear aja aquy de poer mais
ca aquilo que vy e me pareceo. da marinhajem
e singraduras do caminho nõ darey aquy co
nta a vossa alteza por queo nom saberey fazer e os
pilotos deuem teer ese cuidado e por tanto Senhor
do que ey de falar começo e digo.
que apartida de belem como vossa alteza sabe foy seg
unda feira ix de março. e sabado xiiij do dito mes antre
as biij e ix oras nos achamos antre as canarias
mais perto da gram canarea e aly andamos todo
aquele dia em calma a vista delas obra de tres ou
quatro legoas. e domingo xxij do dito mes aas x
oras pouco mais ou menos ouuemos vista das jlhas
de cabo verde .s. da jlha de sã njcolaao segundo dito de pe
ro escolar piloto. e a noute segujnte aa segunda feira lhe
amanheceo se perdeo da frota vaasco datayde com
a sua naao sem hy auer tempo forte nem contrairo
pera poder seer. fez o capitam suas deligencias pera o
achar a huũas e a outras partes e nõ pareceo mais.
E asy segujmos nosso caminho per este mar de lomgo
ataa terça feira doitauas de pascoa que foram xxj
dias dabril que topamos alguũs synaaes de terra
seendo da dita jlha segundo os pilotos deziam obra de
bj c lx ou lxx legoas. os quaaes heram muyta cam
tidade deeruas compridas aque os mareantes
chamam botelho e asy outras aque tambem chamam
rabo dasno. E aaquarta feira segujnte pola ma

P° vaaz de camjnha



DOCUMENTO N.° 2

CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

1 de maio de 1500

Senhor—posto que o capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitaães screpuam a vossa alteza a noua do achamento desta vossa terra noua que se ora neesta nauegaçom achou, nom leixarey tambem de dar disso minha comta a vossa alteza asy como eu milhor poder aimda que pera o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer, pero tome vossa alteza minha inoramçia por boa vomtade, a qual bem çerto crea que por afremosentar nem afear aja aquy de poer mais cá aquilo que vy e me pareçeo. da marinhajem e simgraduras do caminho nom darey aquy conta a vossa alteza porque o nom saberey fazer e os pilotos deuem teer ese cuidado e por tamto Senhor do que ey de falar começo e diguo:
que a partida de belem como vosa alteza sabe foy segunda feira ix de março, e sabado xiiii do dito mes amtre as viii e ix oras nos achamos antre as canareas mais perto da gram canarea e aly amdamos todo aquele dia em calma a vista delas obra de tres ou quatro legoas, e domingo xxii do dito mes aas x oras pouco mais ou menos ouuemos vista das ilhas do cabo verde, a saber, da ilha de sam nicolaao, segundo dito de Pero escolar piloto e a noute seguimte aa segunda feira lhe amanheçeo se perdeo da frota Vaasco datayde com a sua naao sem hy auer tempo forte nem contrairo pera poder seer. Fez o capitam suas deligençias pera o achar a huũas e a outras partes e nom pareçeo mais. E asy seguimos nosso caminho per este mar de lomgo ataa terça

feira doitauas de pascoa que foram xxi dias dabril que topamos alguũs synaaes de tera seemdo da dita ilha segundo os pilotos deziam obra de vi^{c} lx ou lxx legoas, os quaaes heram muita camtidade deruas compridas a que os mareantes chamam botelho e asy outras a que tambem chamam rrabo dasno. E aa quarta feira seguimte pola manhaã topamos aves a que chamam fura buchos, e neeste dia a oras de bespera ouuemos vista de tera, a saber, primeiramente dhuũ gramde monte muy alto e rredoimdo e doutras serras mais baixas ao sul dele e de terra chaã com grandes aruoredos, ao qual monte alto o capitam pos nome o monte pascoal e aa tera a tera da Vera cruz. mandou lamçar o prumo acharam xxv braças e ao sol posto obra de vi legoas de terra surgimos amcoras em xix braças amcorajem limpa. aly jouuemos toda aquela noute, e aa quimta feira pola manhaã fezemos vella e seguimos direitos aa terra e os nauios pequenos diante himdo per xvii xvi xv xiiii xiii xii x e ix braças ataa mea legoa de terra omde todos lançamos amcoras em direito da boca dhuũ rrio e chegariamos a esta amcorajem aas x oras pouco mais ou menos e daly ouuemos vista dhomeẽs que amdauam pela praya obra de vii ou viii segundo os nauios pequenos diseram por chegarem primeiro. aly lançamos os batees e esquifes fora e vieram logo todolos capitaães das naaos a esta naao do capitam moor e aly falaram, e o capitam mandou no batel em terra nicolaao coelho pera veer aquelle rrio e tamto que ele comecou pera la dhir acodiram pela praya homeẽs quando dous quando tres de maneira que quando o batel chegou aa boca do rrio heram aly xviii ou xx homeẽs pardos todos nuus sem nenhuũa cousa que lhes cobrise suas vergonhas. traziam arcos nas maãos e suas seetas. viinham todos rrijos pera o batel e nicolaao coelho lhes fez sinal que posesem os arcos, e eles os poseram. aly nom pode deles auer fala nem entendimento que aproueitasse polo mar quebrar na costa, soomente deulhes huum barete vermelho e huũa carapuça de linho que leuaua na cabeça e huũ sombreiro preto. E huũ deles lhe deu huũ sombreiro de penas daues compridas com huũa copezinha pequena de penas vermelhas e pardas coma de papagayo e outro lhe deu huũ rramal grande de comtinhas brancas meudas que querem pareçer daljaueira as quaaes peças creo que o capitam manda a vossa alteza. e com isto se volueo aas naaos por seer tarde e nom poder deles auer mais fala por aazo do mar.

a noute seguimte ventou tamto sueste com chuuaçeiros que fez caçar as naaos e especialmente a capitana. E aa sesta pola manhaã aas viii oras pouco mais ou menos per conselho dos pilotos mandou o capitam levamtar amcoras e fazer vela e fomos de lomgo da costa com os batees e esquifes amarados per popa comtra o norte pera veer se achauamos alguũa abrigada e boo pouso omde jouuesemos pera tomar agoa e lenha, nom por nos ja minguar mas por nos acertarmos aquy. e quamdo fezemos vela seriam ja na praya asentados

jumto com o rrio obrra de lx ou lxx homeẽs que se jumtaram aly poucos e poucos. Fomos de lomgo e mandou o capitam aos nauios pequenos que fosem mais chegados aa terra e que se achasem pouso seguro pera as naaos que amaynasem. E seendo nos pela costa obra de x legoas domde nos leuamtamos acharam os ditos nauios pequenos huũ arreçife com huũ porto dentro muito boo e muito seguro com huũa muy larga entrada e meteramse dentro e amaynaram, e as naaos arribaram sobreles, e huũ pouco amte sol posto amaynarom obra dhuũa legoa do arreçife e ancoraramse em xi braças. E seendo Affonso lopez nosso piloto em huũ daqueles nauios pequenos per mandado do capitam por seer homem viuo e deestro pera isso meteose loguo no esquife a somdar o porto demtro e tomou em huũa almaadia dous daqueles homeẽs da terra mançebos e de boos corpos, e huũ deles trazia huũ arco e vi ou vii seetas e na praya amdauam muitos com seus arcos e seetas e nom lhe aproueitaram. troueos logo ja de noute ao capitam omde foram rrecebidos com muito prazer e festa.

a feiçam deles he seerem pardos maneira dauermelhados de boõs rrostros e boos narizes bem feitos. amdam nuus sem nenhuũa cubertura, nem estimam nenhuũa coussa cobrir nem mostrar suas vergonhas, e estam açerqua disso com tamta inocemçia como teem em mostrar o rrostro. traziam ambos os beiços de baixo furados e metidos per eles senhos osos doso bramcos de compridam dhuũa maão travessa e de grosura dhuũ fuso dalgodam e agudo na ponta coma furador. metemnos pela parte de dentro do beiço e o que lhe fica antre o beiço e os demtes he feito coma rroque denxadrez, e em tal maneira o trazem aly emcaxado que lhes nom da paixam nem lhes torua a fala nem comer nem beber. os cabelos seus sam coredios e andauam trosquiados de trosquya alta mais que de sobre pemtem de boa gramdura e rrapados ataa per cima das orelhas, e huũ deles trazia per baixo da solapa de fonte a fonte pera detras huũa maneira de cabeleira de penas daue amarela que seria de compridam dhuũ couto, muy basta e muy çarada que lhe cobria o toutuço e as orelhas, a qual amdaua pegada nos cabelos pena e pena com huũa comfeiçam branda coma çera e nom no era, de maneira que amdaua a cabeleira muy rredomda e muy basta e muy igual que nom fazia mingoa mais lauajem pera a levantar. o capitam quando eles vieram estaua asentado em huũa cadeira e huũa alcatifa aos pees por estrado e bem vestido com huũ colar douro muy grande ao pescoço, e sancho de toar e simam de miranda e nicolaao coelho e aires corea e nos outros que aquy na naao com ele himos asentados no chaão per esa alcatifa. acemderam tochas e emtraram e nom fezeram nenhuũa mençam de cortesia nem de falar ao capitam nem a nimguem, pero huũ deles pos olho no colar do capitam e começou daçenar com a maão pera a terra e despois pera o colar como que nos dezia que havia em tera ouro e tambem vio huũ castical de

prata e asy meesmo acenaua pera a tera e entam pera o castical como que avia tambem prata. mostraranlhes huũ papagayo pardo que aquy o capitam traz, tomaramno logo na maão e acenaram pera a terra como que os avia hy. mostraranlhes huũ carneiro nom fezeram dele mençam. mostraranlhes huũa galinha casy aviam medo dela e nom lhe queriam poer a maão e despois a tomaram coma espamtados. deranlhes aly de comer pam e pescado cozido, confeitos fartees mel e figos pasados, nom quiseram comer daquilo casy nada e alguũa coussa se a prouauam lamçauamna logo fora. trouueranlhes vinho per huũa taça, poseranlhe asy a boca tam malaues e nom gostaram dele nada nem o quiseram mais. trouueranlhes agoa per huũa albarada tomaram dela senhos bocados e nom beberam, soomente lauaram as bocas e lamçaram fora. Vio huũ deles huũas contas de rrosairo brancas açenou que lhas desem e folgou muito com elas e lançouas ao pescoço e despois tirouas e embrulhouas no braço e acenaua pera a terra e entam pera as contas e pera o colar do capitam como que dariam ouro por aquilo. Isto tomauamonos asy polo desejarmos, mas se ele queria dizer que leuaria as contas e mais o colar, isto nom queriamonos emtender porque lho nom aviamos de dar e despois tornou as contas a quem lhas deu e entam estiraranse asy de costas na alcatifa a dormir sem teer nenhuũa maneira de cobrirem suas vergonhas as quaaes nom eram fanadas e as cabeleiras delas bem rrapadas e feitas. o capitam lhes mandou poer aas cabeças senhos coxiis e o da cabeleira precuraua asaz polla nom quebrar e lançaranlhes huũ manto em cima e eles consentiram e jouueram e dormiram.

Ao sabbado pola manhaã mandou o capitam fazer vella e fomos demandar a emtrada a qual era muy largua e alta de VI VII braças e entraram todalas naaos dentro e amcoraramse em V VI braças, a qual amcoragem dentro he tam grande e tam fremossa e tam segura que podem jazer dentro neela mais de II.^c nauios e naaos. e tamto que as naaos foram pousadas e amcoradas vieram os capitaães todos a esta naao do capitam moor, e daquy mandou o capitam a nicolaao coelho e bertolameu dias que fosem em terra e leuasem aqueles dous homeẽs e os leixasem hir com seu arco e seetas, aos quaaes mandou dar senhas camisas nouas e senhas carapuças vermelhas e dous rrosairos de contas brancas doso que eles leuauam nos braços e senhos cascauees e senhas canpainhas, e mandou com eles pera ficar la huũ mançebo degradado criado de dom joham teelo a que chamam affonso Ribeiro pera amdar la com eles e saber de seu viuer e maneira e a mym mandou que fose com nicolaao coelho. Fomos asy de frecha direitos aa praya, aly acodiram logo obra de II.^c homeẽs todos nuus e com arcos e seetas nas maãos. aqueles que nos leuauamos acenaramlhes que se afastasem e posesem os arcos e eles os poseram e nom se afastauam muito. abasta que poseram seus arcos e emtam sairam os que nos leuauamos e o mançebo degradado com eles, os quaaes asy como sairam nom

pararam mais nem esperaua huũ por outro senom a quem mais coreria e pasaram huũ rrio que per hy core dagoa doçe de muita agoa que lhes daua pela braga e outros muitos com eles e foram asy corendo aalem do rrio antre huũas moutas de palmas onde estauam outros e aly pararom e naquillo foy o degradado com huũ homem que logo ao sair do batel ho agasalhou e leuouo ataa la e logo ho tornaram a nos e com ele vieram os outros que nos leuamos os quaaes viinham ja nuus e sem carapuças. E entam se começaram de chegar muitos e emtrauam pela beira do mar pera os batees ataa que mais nom podiam e traziam cabaaços dagoa e tomauam alguũs bariis que nos leuauamos e emchianos dagoa e trazianos aos batees. nom que eles de todo chegasem a bordo do batel, mas junto com ele lançauamno da maão e nos tomauamolos e pediam que lhes desem alguũa coussa. leuaua nicolaao coelho cascauees e manilhas e huũs daua huũ cascauel e a outros huũa manilha, de maneira que com aquela emcarua casy nos queriam dar a maão. Dauamnos daqueles arcos e seetas por sonbreiros e carapuças de linho e por qualquer coussa que lhes homem queria dar. daly se partiram os outros dous mançebos que nom os vimos mais.

amdauam aly muitos deles ou casy a maior parte, que todos traziam aqueles bicos doso nos beiços e alguũs que amdauam sem eles traziam os beiços furados e nos buracos traziam huũs espelhos de paao que pareçiam espelhos de boracha e alguũs deles traziam tres daquelles bicos, a saber, huũ na metade e os dous nos cabos. e amdauam hy outros quartejados de cores, a saber, deles ameetade da sua propia cor e ameetade de timtura negra maneira dazulada e outros quartejados descaques. aly amdauam antreles tres ou quatro moças bem moças e bem jentiis com cabelos muito pretos conpridos pelas espadoas e suas vergonhas tam altas e tam çaradinhas e tam limpas das cabeleiras que de as nos muito bem olharmos nom tinhamos nenhuũa vergonha. aly por emtam nom ouue mais fala nem emtendimento com eles por a berberia deles seer tamanha que se nom emtendia nem ouuia ningem. açenamoslhe que se fosem e asy o fezeram e pasaranse aalem do rrio e sairam tres ou quatro homeẽs nosos dos batees e emcheram nom sey quantos barriis dagoa que nos leuauamos e tornamonos aas naaos. e em nos asy viindo acenaramnos que tornasemos. tornamos e eles mandarom o degradado e nom quiseram que ficasse la com eles, o qual leuaua huũa baçia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas pera dar la ao Senhor se o hy ouuese. nom curaram de lhe tomar nada e asy o mandaram com tudo e entam bertolameu dias o fez outra vez tornar que lhes dese aquilo, e ele tornou e deu aquilo em vista de nos aaquelle que o da primeira agasalhou e entam veosse e trouuemolo. este que o agasalhou era ja de dias e amdaua todo por louçaynha cheo de penas pegadas pelo corpo que pareçia aseetado coma sam sabastiam. outros traziam carapuças de penas

amarelas e outros de vermelhas e outros de verdes. e huũa daquelas moças era toda timta de fumdo a cima daquela timtura a qual certo era tam bem feita e tam rredomda e sua vergonha que ela nom tiinha tam graçiosa que a muitas molheres de nossa terra veendolhe taaes feiçõis fezera vergonha por nom teerem a sua como ela. nenhuũ deles nom era fanado mas todos asy coma nos e com isto nos tornamos e eles foramsse.

aa tarde sayo o capitam moor em seu batel com todos nos outros e com os outros capitaães das naaos em seus batees a folgar pela baya a caram da praya mas nimguem sayo em tera polo capitam nom querer sem embargo de nimguem neela estar soomente sayo ele com todos em huũ ilheeo grande que na baya esta que de baixamar fica muy vazio pero he de todas partes cercado dagoa que nom pode nimguem hir a ele sem barco ou a nado. aly folgou ele e todos nos outros bem huũa ora e meya e pescaram hy amdando marinheiros com huũ chimchorro e mataram pescado meudo nom muito e entam voluemonos aas naaos ja bem noute.

ao Domingo de pascoela pola manhaã detreminou o capitam dhir ouuir misa e preegaçam naquele ilheeo, e mandou a todolos capitaães que se corejesem nos batees e fosem com ele e asy foi feito. mandou naquele ilheeo armar huũ esperauel e dentro neele aleuantar altar muy bem coregido e aly com todos nos outros fez diser misa a qual dise o padre frey amrique em voz entoada e oficiada com aquela meesma voz pelos outros padres e sacerdotes que aly todos heram, a qual misa segundo meu pareçer foy ouuida per todos com muito prazer e deuaçom. aly era com o capitam a bandeira de christos com que sayo de belem a qual esteue senpre alta aa parte do auamjelho. acabada a misa desuestiosse o padre e posese em huũa cadeira alta e nos todos lamcados per esa area e pregou huũa solene e proueitossa preegaçom da estorea do auanjelho, e em fim dela trautou de nossa viinda e do achamento desta terra conformandose com o sinal da cruz so cuja obediencia viimos a qual ueo muito a proposito e fez muita deuaçom.

em quanto esteuemos a amisa e aa pregaçom seriam na praya outra tanta jente pouco mais ou menos como os domtem com seus arcos e seetas os quaaes amdauam folgando e olhandonos e asentaramse. e despois dacabada a misa aseentados nos aa pregaçom aleuantaranse muitos deles e tanjeram corno ou vozina e começaram a saltar e dançar huũ pedaço, e alguũs deles se metiam em almaadias duas ou tres que hy tiinham as quaaes nom sam feitas como as que eu ja vy, soomente sam tres traues atadas jumtas e aly se metiam IIII ou V ou eses que queriam nom se afastando casy nada da terra senom quanto podiam tomar pee. acabada a pregacom moueo o capitam e todos pera os batees com nosa bandeira alta e enbarcamos e fomos asy todos contra terra pera pasarmos ao longo per ondeles estauam hindo bertolameu dias em seu esquife

per mandado do capitam diamte com huũ paao dhuũa almaadia que lhes o mar leuara pera lho dar e nos todos obra de tiro de pedra tras ele. como elles viram o esquife de bertolameu dias chegaramse logo todos a agoa metendose neela ataa onde mais podiam. acenaranlhes que posesem os arcos e muitos deles os hiam logo poer em terra e outros os nom punham. amdaua hy huũ que falaua muito aos outros que se afastasem mas nom ja que mamym parecese que lhe tiinham acatamento nem medo. este que os asy amdaua afastando trazia seu arco e seetas e amdaua timto de timtura vermelha pelos peitos e espadoas e pelos quadriis coxas e pernas ataa baixo, e os vazios com a bariga e estamego era da sua propia cor e a timtura era asy vermelha que a agoa lha nom comya nem desfazia, ante quando saya da agoa era mais vermelho. sayo huũ homem do esquife de bertolameu dias e amdaua antreles sem eles emtenderem nada neelle quanta pera lhe fazerem mal, senom quanto lhe dauam cabaaços dagoa e acenavam aos do esquife que saisem em terra. com istò se volueo bertolameu dias ao capitam e viemonos aas naaos a comer tanjendo tronbetas e gaitas sem lhes dar mais apresam e eles tornaramse a asentar na praya e asy por entam ficaram. neeste ilheo omde fomos ouuir misa e pregaçam espraya muito a agoa e descobre muita area e muito cascalhaao. foram alguũs em nos hy estando buscar marisco e nom no acharom, e acharam alguũs camaroões grosos e curtos, antre os quaaes vinha huũ muito grande camaram, e muito grosso que em nenhuũ tenpo o vi tamanho. tambem acharom cascas de bergoões e dameijeas mas nom toparam com nenhuũa peça inteira. e tamto que comemos vieram logo todolos capitaães a esta naao per mandado do capitam moor com os quaaes se ele apartou e eu na conpanhia e preguntou asy a todos se nos pareçia seer bem mandar a noua do achamento desta terra a vosa alteza pelo nauio dos mantiimentos pera a milhor mandar descobrir e saber dela mais do que agora nos podiamos saber por hirmos de nosa viajem e antre muitas falas que no caso se fezeram foy per todos ou a mayor parte dito que seria muito bem, e nisto comcrudiram. e tamto que a comcrusam foy tomada, preguntou mais se seria boo tomar aquy per força huũ par destes homeẽs pera os mandar a vossa alteza, e leixar aqui por eles outros dous destes degradados. a esto acordaram que nom era necesareo tomar per força homeẽs, porque jeeral costume era dos que asy leuauom per força pera alguũa parte dizerem que ha hy todo o que lhe preguntam, e que milhor e muito milhor enformaçom da terra dariam dous homeẽs destes degradados que aquy leixasem, do que eles dariam se os leuasem por seer jente que nimguem emtende nem eles tam cedo aprenderiam a falar pera o saberem tambem dizer que muito milhor ho estoutros nom digam quando ca vossa alteza mandar, e que por tamto nom curasem aquy de per força tomar ninguem nem fazer escandolo pera os de todo mais amansar e apaceficar, senom soomente leixar

aquy os dous degradados quando daquy partisemos. e asy por milhor pareçer a todos ficou detreminado.
acabado isto dise o capitam que fosemos nos batees em terra e veersia bem o rrio quejando era, e tam bem pera folgarmos. Fomos todos nos batees em tera armados e a bandeira comnosco. eles amdauam aly na praya aa boca do rrio omde nos hiamos e ante que chegasemos, do emsino que dantes tiinham poseram todos os arcos e acenavam que saisemos e tanto que os batees poseram as proas em terra pasaramse logo todos aalem do rrio o qual nom he mais ancho que huũm jogo de manqual e tanto que desenbarcamos alguũs dos nosos pasarom logo o rrio e foram antrelles, e alguũs aguardauam e outros se afastauam. pero era a cousa de maneira que todos amdauam mesturados. eles dauam deses arcos com suas seetas por sonbreiros e carapuças de linho e por quallquer cousa que lhes dauam. pasaram aalem tamtos dos nosos e amdauam asy mesturados com eles, que eles se esquiuauam e afastauanse e hianse deles pera cima onde outros estauam e entam o capitam fezese tomar ao colo de dous homeẽs e pasou o rrio e fez tornar todos. a jente que aly era nom seria mais ca aquela que soya, e tanto que o capitam fez tornar todos vieram alguũs deles a ele nom polo conhecerem por senhor ca me pareçe que nom entendem nem tomauam disso conhecimento, mas por que a jente nossa pasava ja pera aquem do rrio. aly falauam e traziam muitos arcos e continhas daquelas ja ditas e rresgatauam por qualquer cousa, em tal maneira que trouueram daly pera as naaos muitos arcos e seetas e comtas e entam tornouse o capitam aaquem do rrio e logo acodiram muitos aa beira dele. aly veriees galantes pimtados de preto e vermelho e quartejados asy pelos corpos como pelas pernas, que certo pareciam asy bem. tambem andauam antreles ɪɪɪɪ ou v molheres moças asy nuas que nom pareciam mal antre as quaaes amdaua huũa com huũa coxa do giolho ataa o quadril e a nadega toda tinta daquela tintura preta e o al todo da sua propia cor. outra trazia anbolos giolhos com as curuas asy timtas e tambem os colos dos pees, e suas vergonhas tam nuas e com tamta inoçemçia descubertas que nom avia hy nehuũa vergonha. tambem andaua hy outra molher moça com huũ menino ou menina no colo atado com huũ pano nom sey de que aos peitos que lhe nom pareçia senom as perninhas, mas as pernas da may e o al nom trazia nenhuũ pano. e despois moueo o capitam pera cima ao longo do rrio que anda senpre a caram da praya e aly esperou huũ velho que trazia na maão hũa paa dalmaadia. falou estando o capitam com ele perante nos todos sem o numca ninguem emtender nem ele a nos quanta cousas que lhomem preguntaua douro que nos desejauamos saber se o avia na terra. trazia este velho o beiço tam furado que lhe caberia pelo furado huũ gram dedo polegar e trazia metido no furado huũa pedra verde rroim que çarava per fora aquele buraco e o capitam

lha fez tirar e ele nom sey que diaabo falaua e hia com ela pera a boca do capitam pera lha meter. esteuemos sobriso huũ pouco rreinando e entam enfadouse o capitam e leixouo, e huũ dos nosos deulhe pola pedra huũ sonbreiro uelho nom por ela valer algũa coussa, mas por mostra, e despois a ouue o capitam, creo pera com as outras cousas a mandar a vosa altesa. amdamos per hy veendo a rribeira a qual he de muita agoa e muito boa, ao longo dela ha muitas palmas nom muito altas em que ha muito boos palmitos, colhemos e comemos deles muitos. entam tornouse o capitam pera baixo pera a boca do rrio onde desenbarcamos e aalem do rrio amdauam muitos deles damçando e folgando huũs ante outros sem se tomarem pelas maãos e faziamno bem. pasouse emtam aalem do rrio diego dias almoxarife que foy de sacauem que he homem graçioso e de prazer e levou comsigo huũ gayteiro noso com sua gaita e meteose com eles a dançar tomandoos pelas maãos e eles folgauam e rriam e amdauam com ele muy bem ao soom da gaita. despois de dançarem fezlhe aly amdando no chaão muitas voltas ligeiras e salto rreal de que se eles espantauam e rriam e folgauam muito, e com quanto os com aquilo muito segurou e afaagou, tomauam logo huũa esquiueza coma monteses e foranse pera cima. E entam o capitam pasou o rrio com todos nos outros e fomos pela praya de longo himdo os batees asy a caram de terra e fomos ataa huũa lagoa grande dagoa doçe que esta jumto com a praya por que toda aquela rribeira do mar he apaulada per cima e saay a agoa per muitos lugares e depois de pasarmos o rrio foram huũs VII ou VIII deles amdar antre os marinheiros que se rrecolhiam aos batees e leuaram daly huũ tubaram que bertolameu dias matou e leuaualho e lançouo na praya. abasta que ata aquy como quer que se eles em alguũa parte amansasem logo dhuũa maão pera a outra se esquiuauam coma pardaaes de ceuadoiro e homem nom lhes ousa de falar rrijo por se mais nom esquiuarem e todo se pasa como eles querem polos bem amansar. ao velho com que o capitam falou deu huũa carapuça vermelha e com toda a fala que com ele pasou e com a carapuça que lhe deu, tanto que se espedio que começou de pasar o rrio, foise logo rrecatando, e nom quis mais tornar do rrio pera aquem. os outros dous que o capitam teue nas naaos a que deu o que ja dito he nunca aqui mais pareçeram, de que tiro seer jente bestial e de pouco saber e por ysso sam asy esquiuos. eles porem comtudo andam muito bem curados e muito limpos e naquillo me pareçe aimda mais que sam coma aves ou alimareas monteses que lhes faz ho aar milhor pena e milhor cabelo que aas mansas, porque os corpos seus sam tam limpos e tam gordos e tam fremosos que nom pode mais seer e isto me faz presumir que nom teem casas nem moradas em que se colham e o aar a que se criam os faz taaes, nem nos ainda ata agora nom vimos nenhuũas casas nem maneira delas. mandou o capitam aaquelle degradado affonso Ribeiro que se fosse outra vez com

eles, o qual se foy e andou la huũ boom pedaço e aa tarde tornouse que o fezeram eles viinr e nom o quiseram la consentir e deramlhe arcos e seetas e nom lhe tomaram nenhuũa cousa do seu, ante dise ele que lhe tomara huũ deles huũas continhas amarelas que ele leuaua e fogia com elas e ele se queixou e os outros foram logo apos ele e lhas tomaram o tornaranlhas a dar e emtam mandaramno viinr. dise ele que nom vira la antre eles senom huũas choupaninhas de rrama verde e de feeitos muito grandes coma damtre douro e minho e asy nos tornamos aas naaos ja casy noute a dormir.
aa segunda feira depois de comer saiimos todos em terra a tomar agoa. aly vieram emtam muitos, mas nom tamtos coma as outras uezes e traziam ja muito poucos arcos e esteueram asy huũ pouco afastados de nos, e despois poucos e poucos mesturaranse comnosco, e abracauamnos e folgauam e alguũs deles se esquiuauam logo. aly dauam alguũs arcos por folhas de papel e por algũa carapucinha velha e por qualquer cousa, e em tal maneira se pasou a cousa que bem xx ou xxx pesoas da nosas se foram com elles onde outros muitos deles estauam com moças e molheres e trouueram de la muitos arcos e baretes de penas daues deles verdes e deles amarelos de que creo que o capitam hade mandar amostra a vossa alteza, e segundo deziam eses que la foram folgauam com eles. neeste dia os uimos de mais perto e mais aa nosa vontade por andarmos todos casy mesturados, e aly deles andauam daquelas timturas quartejados outros de meetades outros de tanta feiçam coma em panos darmar e todos com os beiços furados e muitos com os osos neeles e deles sem osos. traziam alguũs deles huũs ouriços verdes daruores que na cor queriam pareçer de castinheiros senom quanto heram mais e mais pequenos, e aqueles heram cheos dhuũs graãos vermelhos pequenos que esmagandoos antre os dedos fazia timtura muito vermelha da que eles amdauam timtos e quanto se mais molhauam tanto mais vermelhos ficauam. todos andam rrapados ataa cima das orelhas, e asy as sobrancelhas e pestanas. trazem todos as testas de fonte a fonte timtas da timtura preta qne pareçe huũa fita preta ancha de dous dedos. E o capitam mandou aaquele degradado affonso Ribeiro e a outros dous degradados que fosem amdar la antreles e asy a diego dias por seer homem ledo com que eles folgauam, e aos degradados mandou que ficasem la esta noute. Foramse la todos e andaram antreles e segundo eles deziam foram bem huũa legoa e meia a huũa pouoraçom de casas em que averia ix ou x casas as quaaes deziam que eram tam compridas cada hũa come esta naao capitana, e heram de madeira e das ilhargas de tauoas e cubertas de palha de rrasoada altura e todas em huũa soo casa sem nenhuũ rrepartimento tiinham de dentro muitos esteos e desteo a esteo huũa rrede atada pelos cabos em cada esteo altas em que dormiam e debaixo pera se aquentarem faziam seus fogos e tiinha cada casa duas portas pequenas huũa em huũ cabo e outra no outro, e deziam que em cada casa

se colhiam xxx ou xxxx pesoas e que asy os achauam e que lhes dauam de comer daquela vianda que eles tiinham, a saber, muito inhame e outras sementes que na terra ha que eles comem. e como foy tarde fezeramnos logo todos tornar e nom quiseram que la ficasse nenhuũ e ainda segundo eles deziam queriamse viinr com eles. Resgataram la por cascauees e por outras cousinhas de pouco ualor que leuauam papagayos vermelhos muito grandes e fremosos, e dous verdes pequeninos e carapuças de penas verdes e huũ pano de penas de muitas cores maneira de teçido asaz fremoso segundo vosa alteza todas estas cousas vera porque o capitam volas hade mandar segundo ele dise, e com isto vieram, e nos tornamonos aas naaos.
aa terça feira depois de comer fomos em terra dar guarda de lenha e lauar rroupa. estauam na praya quando chegamos obra de LX ou LXX sem arcos e sem nada. tamto que chegamos vieramse logo pera nos sem se esquiuarem, e depois acodiram muitos que seriam bem II.[c] todos sem arcos, e mesturaramse todos tanto com nosco que nos ajudauam deles a acaretar lenha e meter nos batees e luitavam com os nosos e tomauam muito prazer. E em quanto nos faziamos a lenha faziam dous carpenteiros huũa grande cruz dhuũ paao q̄ue se omtem pera ysso cortou. muitos deles viinham aly estar com os carpenteiros e creo que o faziam mais por veerem a faramenta de ferro com que a faziam, que por veerem a cruz porque eles nom teem cousa que de fero seja e cortam sua madeira e paaos com pedras feitas coma cunhas metidas em huũ paao antre duas talas muy bem atadas e per tal maneira que andam fortes segundo os homeẽs que omtem a suas casas deziam *(sic)* porque lhas viram la. era ja a conuersaçam deles com nosco tanta que casy nos toruauam ao que aviamos de fazer. E o capitam mandou a dous degradados e a diego dias que fosem la a aldea e a outras se ouuesem delas nouas e que em toda maneira nom se viesem a dormir aas naos, ainda que os eles mandasem e asy se foram. em quanto andauamos neesa mata a cortar a lenha, atrauesauam alguũs papagayos per esas aruores deles verdes e outros pardos grandes e pequenos de maneira que me pareçe que avera neesta terra muitos pero eu nom veria mais que ataa IX ou X. outras aves entam nom vimos somente alguũas ponbas seixas e pareceramme mayores em boa camtidade ca as de portugal. alguũs deziam que viram rrolas mas eu nom as vi mas segundo os aruoredos sam muy muitos e grandes e dimfimdas maneiras nom dovido que per ese sartaão ajam muitas aues. E açerqua da noute nos voluemos pera as naaos com nossa lenha. eu creo Senhor que nom dey aimda aquy conta a vosa alteza da feiçam de seus arcos e seetas. os arcos sam pretos e conpridos e as seetas conpridas e os feros delas de canas aparadas segundo vosa alteza vera per alguũs que creo que o capitam a ela ha demuiar.
aa quarta feira nom fomos em terra por que o capitam andou todo o dia

no navio dos mantimentos a despejalo e fazer leuar aas naaos isso que cada huũa podia leuar. eles acodiram aa praya muitos segundo das naaos vimos que seriam obra de III.^{c} segundo sancho de toar que la foy dise. diego dias e affonso Ribeiro o degradado a que o capitam omtem mandou que em toda maneira la dormisem volueranse ja de noute por eles nom quererem que la dormisem e trouueram papagayos verdes e outras aues pretas casy coma pegas senom quanto tiinham o bico bramco e os rrabos curtos. e quando se sancho de toar rrecolheo aa naao querianse viinr com ele alguũs mas ele nom quis senom dous mancebos despostos e homeẽs de prol. mandouos esa noute muy bem pemsar e curar e comeram toda vianda que lhes deram e mandoulhes fazer cama de lençooes segundo ele disse e dormiram e folgaram aquela noute e asy nom foy mais este dia que pera screpuer seja.
aa quimta feira deradeiro dabril comemos logo casy pola manhaã e fomos em terra por mais lenha e agoa e em querendo o capitam sair desta naao chegou sancho de toar com seus dous ospedes e por ele nom teer ainda comido poseranlhe toalhas e veolhe vianda e comeo. os ospedes asentaramnos em senhas cadeiras e de todo o que lhes deram comeram muy bem, especialmente lacam cozido frio e arroz, nom lhes deram vinho por sancho de toar dizer que o nom bebiam bem. acabado o comer metemonos todos no batel e eles com nosco. deu huũ gromete a huũ deles huũa armadura grande de porco montes bem rreuolta e tamto que a tomou meteoa logo no beiço e porque se lhe nom queria teer deramlhe huũa pequena de cera vermelha e ele corejeolhe detras seu aderemço pera se teenr e meteoa no beiço asy rreuolta pera cima e viinha tam comtente com ela como se tevera huũa grande joya. e tamto que saymos em terra foise logo com ela que nom pareçeo hy mais. andariam na praya quando saymos VIII ou X deles e dhi a pouco começaram de viinr, e pareçeme que viinriam este dia aa praya IIII^{c} ou IIII^{c}L. traziam alguũs deles arcos e seetas e todolos deram por carapuças e por quallquer cousa que lhes dauam. comiam com nosco do que lhes dauamos e bebiam alguũs deles vinho e outros o nom podiam beber mas pareceme que se lho avezarem que o beberam de boa vomtade. andauam todos tam despostos e tam bem feitos e galamtes com suas timturas que pareciam bem. acaretauam desa lenha quamta podiam com muy boas vomtades e leuauamna aos batees e amdauam ja mais mansos e seguros antre nos do que nos amdauamos antreles. foy o capitam com alguũs de nos huũ pedaço per este aruoredo ataa huũa rribeira grande e de muita agoa que a noso pareçer era esta meesma que vem teenr aa praya em que nos tomamos agoa. ali jouuemos huũ pedaço bebendo e folgamdo ao longo dela antrese aruoredo que he tamto e tamanho e tam basto e de tamtas prumajeẽs que lhe nom pode homem dar comto. ha antrele muitas palmas de que colhemos muitos e boos palmitos. quando saymos do batel dise o capitam que seria boo hirmos direi-

tos aa cruz que estaua emcostada a huũa aruore junto com o rrio pera se poer de manhaã que he sesta feira e que nos posesemos todos em giolhos e a beijasemos pera eles veerem ho acatamento que lhe tiinhamos, e asy o fezemos. E estes x ou xii que hy estauam acenaramlhes que fezesem asy e foram logo todos beijala. pareçeme jemte de tal inoçencia que se os homem emtendese e eles a nos, que seriam logo christaãos porque eles nom teem nem emtendem em nenhuũa creemça segundo pareçe. E portamto se os degradados que aqui am de ficar aprenderem bem a sua fala e os emtenderem, nom douido segundo a santa tençam de vosa alteza fazeremse christaãos e creerem na nosa samta fe, aa qual praza a nosso Senhor que os traga, porque çerto esta jente he boa e de boa siinprezidade, e enpremarsea ligeiramente neeles qualquer crunho que lhes quiserem dar, e logo lhes nosso Senhor deu boos corpos e boos rrostros coma a boos homeẽs, e ele que nos pera aquy trouue creo que nom foy sem causa e portanto Vosa alteza pois tamto deseja acreçentar na santa fe catolica, deue emtender em sua saluaçam e prazera a deos que com pouco trabalho sera asy. eles nom lauram nem criam nem ha aquy boy nem vaca nem cabra nem ovelha nem galinha nem outra nenhuũa alimarea que custumada seja ao viuer dos homeẽs nem comem senom dese inhame que aquy ha muito e desa semente e fruitos que a tera e as aruores de sy lançam, e com isto andam taaes e tam rrijos e tam nedeos que o nom somo nos tanto com quanto trigo e legumes comemos. em quanto aly este dia amdaram senpre ao soom dhuũ tanbory nosso dançaram e bailharam com os nosos, em maneira que sam muito mais nosos amigos que nos seus. se lhes homem acenava se queriam viinr aas naaos fazianse logo prestes pera isso em tal maneira que se os homem todos quisera comuidar, todos uieram. porem nom trouuemos esta noute aas naaos senom iiii ou v, a saber, o capitam moor dous e simão de miranda huũ que trazia ja por paje, e aires gomes outro asy paje. os que o capitam trouue era huũ deles huũ dos seus ospedes que aa primeira quando aquy chegamos lhe trouueram, o qual veo oje aquy vestido na sua camisa e com ele huũ seu irmaão os quaaes foram esta noute muy bem agasalhados asy de vianda como de cama de colchoões e lençooes polos mais amansar.

E oje que he sesta feira primeiro dia de mayo pola manhaã saymos em terra com nossa bandeira e fomos desenbarcar acima do rrio contra o sul onde nos pareçeo que seria milhor chantar a cruz pera seer milhor vista, e aly asiinou o capitam onde fezesem a coua pera a chantar. E emquanto a ficaram fazendo, ele com todos nos outros fomos pola + abaixo do rrio onde ela estaua. trouuemola daly com eses rrelegiosos e sacerdotes diante cantando maneira de precisam. heram ja hy alguũs deles obra de lxx ou lxxx e quando nos asy viram uiinr, alguũs deles se foram meter debaixo dela ajudarnos. pasamolo rrio ao longo

da praya e fomola poer onde avia de seer que sera do rrio obra de dous tiros de beesta. aly andando nysto viinriam bem CL ou mais. chentada a cruz com as armas e deuisa de vosa alteza que lhe primeiro pregarom armaram altar ao pee dela. aly dise misa o padre frei amrique a qual foy camtada e ofeçiada per eses ja ditos. aly esteueram com nosco a ela obra de L ou LX deles asentados todos em giolhos asy coma nos e quando veo ao avanjelho que nos erguemos todos em pee com as maãos leuantadas, eles se leuantaram com nosco e alçarom as maãos, estando asy ataa seer acabado, e entam tornaranse a asentar coma nos. E quando leuantarom a deus que nos posemos em giolhos, eles se poseram todos asy como nos estauamos com as maãos leuantadas, e em tal maneira asesegados que certefico a vosa alteza que nos fez muita deuaçom. esteueram asy com nosco ata acabada a comunham e depois da comunham, comungaram eses rrelegiosos e sacerdotes e o capitam com alguũs de nos outros. alguũs deles por o sol seer grande em nos estando comungando aleuantaramse e outros esteueram e ficarom. huũ deles homem de L ou LV anos ficou aly com aqueles que ficaram. aquele em nos asy estamdo ajumtaua aqueles que aly ficaram e ainda chamaua outros. este andando asy antreles falandolhes acenou com o dedo pera o altar, e depois mostrou o dedo pera o ceeo coma que lhes dizia alguũa cousa de bem e nos asy o tomamos. acabada a misa tirou o padre a vestimenta de cima e ficou na alua e asy se sobio junto com ho altar em huũa cadeira e aly nos preegou do auanjelho e dos apostolos cujo dia oje he trautando emfim da preegaçom deste voso proseguimento tam santo e vertuoso que nos causou mais deuaçam. eses que aa preegaçam senpre esteueram estauam asy coma nos olhando pera ele. e aquele que digo, chamaua alguũs que viesem pera aly. alguũs viinham e outros hiamse e acabada a preegaçom trazia nicolaao coelho muitas cruzes de estanho com cruçufiços que lhe ficarom ainda da outra viinda e ouueram por bem que lançasem a cada huũ sua ao pescoço. pola qual cousa se asentou o padre frey anrique ao pee da cruz e aly a huũ e huũ lançaua sua atada em huũ fio ao pescoço fazendolha primeiro beijar e aleuantar as maãos. viinham a isso muitos e lançarammas todos que seriam obra de XXXX ou L. e isto acabado era ja bem huũa ora depois de meo dia, viemos aas naos a comer onde o capitam trouue comsigo aquele meesmo que fez aos outros aquela mostramça pera o altar e pera o ceeo e huũ seu irmaão com elle ao qual fez muita homrra e deulhe huũa camisa mourisca e ao outro huũa camisa destoutras. e segundo o que a mym e a todos pareçeo, esta jemte nom lhes faleçe outra cousa pera seer toda christaã ca entenderemnos, porque asy tomauam aquilo que nos viam fazer coma nos meesmos, per onde pareçeo a todos que nenhuũa idolatria nem adoraçom teem. E bem creo que se vosa alteza aquy mandar quem mais antreles de vagar ande, que

todos seram tornados ao desejo de vosa alteza. e pera isso se alguem vier nom leixe logo de viinr clerigo pera os bautizar porque ja emtam teeram mais conhecimento de nossa fe pelos dous degradados que aquy antreles ficam os quaaes ambos oje tambem comungaram. antre todos estes que oje vieram nom veo mais que huũa molher moça a qual esteue senpre aa missa, aa qual deram huũ pano ccm que se cobrise e poseramlho darredor de sy, pero ao asentar nom fazia memorea de o muito estender pera se cobrir. asy Senhor que a inoçemcia desta jemte he tal que a d adam nom seria mais quanta em vergonha. ora veja vosa alteza quem em tal inocemçea viue, ensinamdolhes o que pera sua saluaçom perteeçe, se se conuerteram ou nom. acabado isto fomos asy perante eles beijar a cruz e espedimonos e viemos comer.
creo Senhor que com estes dous degradados que aquy ficam, ficam mais dous grometes que esta noute se sairam desta naao no esquife em terra fogidos, os quaaes nom vieram mais e creemos que ficaram aquy porque de manhaã prazendo a deos fazemos daquy nosa partida.
esta terra Senhor me pareçe que da pomta que mais contra o sul vimos ata a outra ponta que contra o norte vem de que nos deste porto ouuemos vista, sera tamanha que auera neela bem xx ou xxv legoas per costa. traz ao lomgo do mar em algũas partes grandes bareiras delas vermelhas e delas bramcas e a terra per çima toda chaã e muito chea de grandes aruoredos. de pomta a pomta he toda praya parma muito chaã e muito fremosa. pelo sartaão nos pareceo do mar muito grande porque a estender olhos nom podiamos veer senom tera e aruoredos que nos pareçia muy longa tera. neela ata agora nom podemos saber que aja ouro nem prata, nem nenhuũa cousa de metal nem de fero, nem lho vimos. Pero a terra em sy he de muito boos aares asy frios e tenperados coma os dantre doiro e minho por que neste tenpo dagora asy os achauamos coma os de la. agoas sam muitas imfimdas. Em tal maneira he graciosa que querendoa aproueitar darsea neela tudo per bem das agoas que tem. pero o milhor fruito que neela se pode fazer me pareçe que sera saluar esta jemte, e esta deue seer a principal semente que vosa alteza em ela deue lamçar. E que hy nom ouuese mais ca tener aquy esta pousada pera esta nauegaçom de calecut, abastara, quanto mais desposiçam pera se neela conprir e fazer o que vossa alteza tamto deseja, a saber, acrecentamento da nosa santa fe.
E neesta maneira Senhor dou aquy a vosa alteza do que neesta vosa terra vy *(sic)* e se a alguũ pouco alonguey, ela me perdoe, ca o desejo que tiinha de vos tudo dizer mo fez asy poer pelo meudo. E pois que Senhor he çerto que asy neeste careguo que leuo como em outra qualquer coussa que de vosso seruiço for uosa alteza ha de seer de mym muito bem seruida, a ela peço que por me fazer simgular merçee mande viinr da ilha de sam thomee jorge do

soiro meu jenrro, o que dela receberey em muita merçee. beijo as maãos de vosa alteza. deste porto seguro da vosa ilha da vera cruz oje sesta feira primeiro dia de mayo de 1500.—*Pero uaaz de caminha*[1].

---

[1] Copiada com a maxima exactidão do original que existe no *Arch. Nac. da Torre do Tombo*, gav. 8, maç. 2 n.° 8. Foi publicada, mas incorrecta, no IV tomo da *Collecção de noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes.*

